

EDIÇÃO 24 | ANO 12
JULHO DE 2025
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



REVISTA

Vertentes Cultural



Alfredo Vasconcelos

Beleza e História tricentenária na Igreja de Nossa Senhora do Rosário

Romance das igrejas de Minas

Murilo Mendes

Minha alma sobe ladeiras,
Minha alma desce ladeiras
Com uma candeia na mão,
Procurando nas igrejas
Da cidade e do sertão
O gênio das Minas Gerais
Que marcou estas paragens,
Estas sombras benfazejas,
Estas frescas paisagens,
Estes ares salutares,
Lavados, finos, porosos,
Minerais essenciais,
Este silêncio e sossego,
Estas montanhas severas,
Esta antiga solidão,
Com o sinal do seu lirismo,
Com a cruz da sua paixão.
Templos de Minas Gerais.
Das cidades e arraiais,
Templos em pedra-sabão...



EXPEDIENTE

Navegantes

Mariane Fonseca

Na Grécia Antiga havia o Labirinto do Minotauro, criatura sanguinária com corpo de gente e cabeça de touro. E contam que ali, todos os anos, jovens eram jogados como tributo e sacrifício para horror de famílias que choravam pelos filhos até o fim de seus dias.

Mas eis que surgiu Teseu, um dos maiores heróis da Mitologia Grega. E foi ele quem, com coragem, astúcia e a ajuda de uma mulher apaixonada, aniquilou quem aniquilava seu povo. O navio em que viajou para a aventura, aliás, foi guardado como relíquia em Atenas, sua cidade natal, por séculos. Aí entra o tempo, que corroeu detalhes e apodreceu toras inteiras de madeira. Tudo reformado, na medida da necessidade, por diferentes gerações de atenienses.

Assim a embarcação resistiu. Mas veio a pergunta tão inquietante quanto uma coceira no cérebro: se as peças originais foram substituídas... ainda seria aquele o Navio de Teseu?

Pois bem: a Mona Lisa de Leonardo da Vinci passou por pelo menos três restaurações e segue como a obra mais emblemática do Louvre. Mais de 50 bilhões de células morreram e foram renovadas em seu corpo nas últimas 24 horas, leitor, mas sua essência continua intacta. Este número da *Vertentes Cultural* nem de longe se parece com a edição de estreia, mas ousa imprimir, nas entrelinhas de cada página, seu propósito de enaltecer quem faz história na região.

Aqui, inclusive, acrescentamos uma nota da editora: este número está recheado de matérias longas como única forma de registrar a complexidade das histórias que ouvimos. Recomendamos então aos mais cansados que leiam tudo aos poucos - e sintam-se servidos com sabores e causos das Vertentes.

Mas voltemos: a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Alfredo Vasconcelos, também venceu as ruínas e foi aprimorada para se manter de pé. A Currusuba em Dores de Campos? Está em todos os cantos com detalhes acrescentados por suas Quitandeiras ao longo de pelo menos cinco gerações.

Nada disso perdeu sua originalidade, sua importância, sua aura de patrimônio. Porque ali há legado, há significado e há afeto - como há em cada um de nós. Somos todos navios (quase) à deriva nas marés da vida e à mercê do tempo. Mas preservamos o que realmente importa: as memórias que deixamos para quem testemunha ou até embarca conosco na viagem.

Boa leitura.

Filiada ao Sicoob Central Crediminas; à OCEMG - Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais; e à OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

João Pinto de Oliveira - Presidente
Fabiana Diélle Barros de Oliveira - Vice-Presidente
Antônio Vicente de Andrade
Cristiano Alexandre de Almeida
Lígia Honorina Moreira
Luís Cláudio dos Reis
Mauro Caporali Vivas
Wagner Ferraz Coelho Presotti
Yuri Carvalho Gomes

DIRETORIA EXECUTIVA

Hélder Resende
(Diretor Executivo de Gestão de Risco)
Luiz Henrique Garcia
(Diretor Executivo Financeiro)

CONSELHO FISCAL

Conselheiros Efetivos: Bruno Leão, Cristóvão Avelar, Luís Gustavo de Resende
Conselheiro Suplente: Henrique Fernando Godinho Santos

REVISTA VERTENTES CULTURAL

Revista semestral do Sicoob Credivergentes - Cooperativa de Crédito Credivergentes Ltda.
Endereço: Rua Carlos Pereira, 100
Centro - 36350-000 - São Tiago - MG
Telefax: (32) 3376-1386
E-mail: credivergentes@sicoobcredivergentes.com.br

CIRCULAÇÃO

São Tiago, Alfredo Vasconcelos, Alto Rio Doce, Bias Fortes, Belo Horizonte, Barbacena, Cipotânea, Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Desterro do Melo, Dores de Campos, Ibertioga, Itutinga, Madre de Deus de Minas, Mercês de Água Limpa, Morro do Ferro, Nazareno, Piedade do Rio Grande, Prados, Resende Costa, Ritiápolis, Santa Bárbara do Tugúrio, Santa Rita de Ibitipoca, Santana do Garambáu, São João del-Rei e Senhora dos Remédios.

APOIO OPERACIONAL

Elisa Cibele Coelho

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Mariane Fonseca - MTB 15.883/MG
Tiragem: 5000 exemplares

FOTOS

Deividson Costa

Eventuais parceiros no desenvolvimento de pautas e na cessão de fotos publicadas na revista o fazem de maneira voluntária, com apresentação dos devidos créditos e sem ônus para a Cooperativa.

DIAGRAMAÇÃO

Mapa de Minas Comunicação Integrada.
As matérias veiculadas na revista *Vertentes Cultural* do Sicoob Credivergentes podem ser reproduzidas, desde que citadas as fontes.

ÍNDICE

06

ENTREVISTA

Congregar para crescer: um bate-papo com Lucas Paulo



11

GASTRONOMIA

A Curruçuba e o sabor que só Dores de Campos tem



22

VERTENTES

A tricentenária Igreja de Nossa Senhora do Rosário



31

NOSSA COOPERATIVA

Sicoob Credivertentes fortalece conexões com empreendedores



35

PRIMEIRO PLANO

O talento da Família Julião e a revolução para uma Cidade inteira

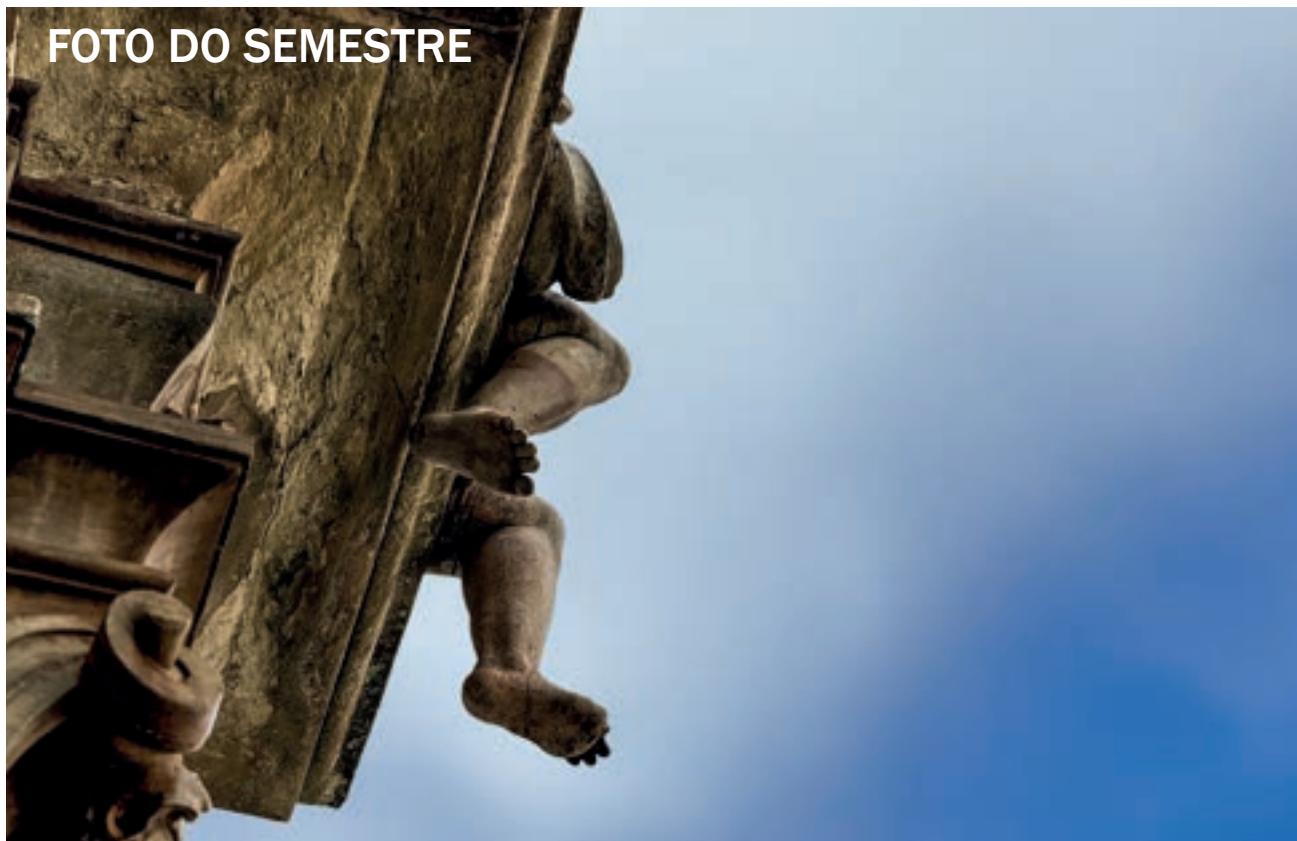


45

MEMÓRIA

Lenda ou fato? Investigamos o "Sino Assassino" de São João





A BELEZA LÁ NO ALTO - Na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, em São João del-Rei, querubins esculpidos em pedra sabão parecem brincar sobre detalhes da maravilha arquitetônica

Carta do LEITOR

Dê sua opinião sobre a revista e envie sugestões de pauta também! Fa-le com a gente no email creddivertentes@sicoobcreddivertentes.com.br

“

Nas páginas da *Vertentes Cultural* revisitamos não somente nossa trajetória, mas as realizações que, um dia, foram apenas sonhos. Obrigado, Sicoob Creddivertentes, por escrever mais um capítulo dessa história.

”

*Povoado dos Pinto,
no Instagram*

“

Depois de um dia complicado, resolvi abrir a revista para relaxar.. Que maravilha foi ler já o Editorial! Somos feitos de alegrias, tristezas, ânimo, cansaço... Mas, acima de tudo, nos tornamos mais completos com a Arte e a Poesia. Amei, amei, amei! Muito obrigada!

”

*Tereza Rodrigues,
de Ibertioga*

Congregar para crescer

Prefeito de Resende Costa fala sobre posturas políticas, Desenvolvimento, Cooperativismo e Futuro na Capital Nacional do Artesanato Têxtil

JANEIRO DE 2025 – Silêncio na sala repleta de gestores do Campo das Vertentes. O motivo? Lucas Paulo, prefeito de Resende Costa, acabara de assumir o microfone no *Encontro de Lideranças* promovido pelo Sicoob Crediverentes. Era, portanto, um representante direto das mais de 80 pessoas na plateia daquele evento específico – e entendia com excelência sobre o tópico de seu depoimento: Receitas Públicas. Ou melhor: Receitas Públicas impactantes.

Afinal, em três anos o Município viu os rendimentos de suas aplicações financeiras crescerem impressionantes 300%. Um fenômeno de Gestão Inteligente (como classifica a Tesouraria resende-costense) que contou, também, com o Sicoob Crediverentes. “Na Cooperativa tivemos resultados impressionantes e com diferenças expressivas na comparação com outras opções do mercado”, salientou o prefeito com postura leve e certeira.

A naturalidade de Lucas Paulo, aliás, talvez seja inata. A bem da verdade, a palavra apareceu com frequência enquanto foi entrevistado pela reportagem da *Vertentes Cultural*. Não quer dizer, porém, que não a tenha aperfeiçoado nos últimos 13 anos.

Em 2012, Lucas Paulo foi eleito vereador pela primeira vez, abrindo trajetória política que o manteria na vereança em 2016, o alçaria à Presidência da Câmara local em 2018; e o colocaria em 2020 num outro cargo: o de vice-prefeito. Um ano e meio após a posse, porém, veio o baque: “Na noite deste Domingo, o prefeito Jo-



sé Gouvea Filho (Zinho) sofreu um AVC Isquêmico e foi encaminhado para a Santa Casa da Misericórdia em São João del-Rei”, apontou nota da Prefeitura de Resende Costa no Instagram.

A notícia se espalhou de maneira tão intensa quanto a chegada dos novos devers pra Lucas Paulo. “Prefeito em Exercício” da noite pro dia e no ápice da Pandemia, ele assumiu missões difíceis como distribuir doses escassas de vacinas e deliberar sobre a reabertura ou não o comércio local, assombrado pelos riscos do Coronavírus.

Foi apenas o (re)começo, (re)definindo a jornada de um agente político que passou de um *jovem artesão* apaixonado por eventos a *homem público* já sinalizado como renovação política no Campo das Vertentes.

Conversamos com ele no gabinete que ocupa há quatro anos – e onde permanece até 2026 após eleição com quase 80% dos votos em Resende Costa.

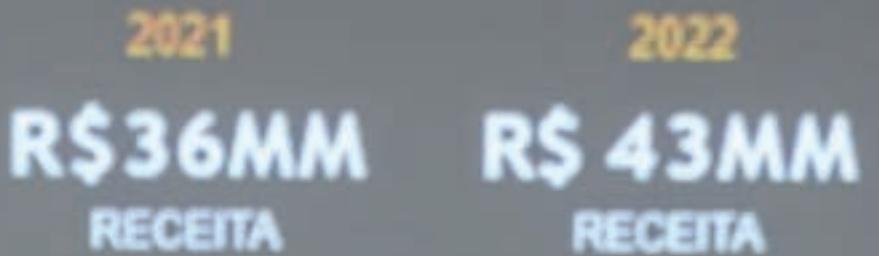
A sala simples é preenchida por pilhas de papel; fotos da esposa Laís e do filho Murilo; imagens de Nossa Senhora e a eloquência de Lucas Paulo de Assis Vale.

Vertentes Cultural – Em 2012 você era o “Lucas do Barriga” na tela da urna eletrônica. Já em 2024 se identificou como “Lucas Paulo” na campanha. Bom, pelo que sabemos da sua história, a transformação não se limitou ao nome...

Lucas Paulo – Ah, não mesmo! (sorrindo). “Barriga” é o meu pai, um homem muito querido em Resende Costa, dono de um bar que leva seu nome há mais de 30 anos. E vamos combinar que, em Minas nada mais típico do que se identificar orgulhosamente como filho de alguém, né? Então naquela época foi uma forma de mostrar quem eu era e de onde eu vinha. Aos poucos, com a jornada e o envolvimento político mais fortes, ganhei uma identidade própria, segui em frente com ela e deixei meu pai em paz (risos).

Vertentes Cultural – A menção dele no material de campanha não agradou muito?

Lucas Paulo – A princípio, houve resistência, sim, porque meu pai nunca foi afeito à Política. Chegou a ser convidado muitas vezes, como fui, a se candidatar como vereador. Mas sempre foi incisivo em cortar a ideia. Então no primeiríssimo momento, quando me anunciei como concorrente a uma cadeira da Câmara, não tive apoio. Por outro lado, quando comecei a campanha pela candidatura – a um mês das eleições – “Seu Barriga” abraçou a caminhada junto comigo.



Vertentes Cultural – *O Lucas Paulo de hoje não engajaria esforços a apenas 30 dias das urnas, aparentemente. Como explicar essa mudança de postura?*

Lucas Paulo – Eu era um rapaz de 22 anos quando me lancei como candidato. Sabia, claro, que mesmo não sendo eleito estava assumindo uma postura e uma responsabilidade grande perante a Comunidade. Mas confesso que não acreditava na vitória, de forma alguma. Só comecei a pensar na possibilidade com a apuração.

Quando soube que 242 pessoas saíram de casa pra depositar sua confiança em mim, a ficha caiu – e caiu fazendo barulho. Lembro do momento em que me ergueram lá na praça (um rito comum das eleições aqui na Cidade), de olhar pra multidão festejando e entender que havia expectativa e até esperança colocada em mim como parte do Legislativo. Então meu sentimento era de gratidão misturado com “que Deus me ajude”.

Vertentes Cultural – *E como lidou com isso sendo tão jovem e ainda recém-ingressado na vida pública?*

Lucas Paulo – Tive sorte porque encarei tudo com um pezinho na naturalidade e outro numa falta de experiência quase vergonhosa – mas sendo acolhido como um verdadeiro filho na Câmara Municipal.

Na minha reunião de estreia cheguei ao Plenário vestindo bermuda e, claro, fui orientado a voltar pra casa e me trocar. Em momento algum houve qualquer tipo de humilhação quanto a isso... Foi aconselhamento mesmo; e ele mudou minha vida. Dali em diante me dediquei aos cursos, a integrações com Deputados, a tudo o que me tornaria, de fato, um homem público.

Vertentes Cultural – *Você já se via nesse ponto evolutivo – isto é, como homem público – quando José Gouvea Filho, o Zinho, adoeceu?*

Lucas Paulo – Era com certeza uma pessoa mais amadurecida. Mas te confesso que nada me preparou praquele momento (*suspiro*). Eu “batia ponto” na Prefeitura todos os dias pela manhã e, à tarde, trabalhava com teares. Quando soube do que havia acontecido com o Zinho, foi perturbador e angustiante. De repente vi um amigo, com-

panheiro de trabalho e mentor político vivendo uma situação delicada que me entristecia profundamente. Foi emocionalmente terrível... Ao mesmo tempo, porém, eu precisava me manter firme para conduzir a Prefeitura num dos ápices da Pandemia. Fácil não foi, mas a fé em Deus e o propósito de ser coerente me guiaram.

Lembro de ligar o computador e pensar: “Existe uma Legislação que rege tudo o que precisa ser feito na Administração Pública. Há também os princípios que você e o Zinho compartilham. Então, siga em frente”.

“

Acho que um dos talentos mais bonitos do Município é sua postura congregadora

”

Vertentes Cultural – *Por falar em Legislação, desde 2018 a Lei Complementar nº 161 permitiu que Prefeituras movimentem recursos financeiros junto a Cooperativas de Crédito. Isso significa que Depósitos feitos por Municípios ou autarquias, por exemplo, compõem o Ciclo Virtuoso promovido pelo Cooperativismo, com capital circulando e sendo multiplicado dentro das próprias Comunidades. E foi essa a pauta de sua fala durante o “Encontro de Lideranças” do Sicoob Crediverentes. O que o motivou a compartilhar sua experiência de gestão financeira com outros administradores públicos?*

Lucas Paulo – Estar à frente de um município é tarefa muito árdua – e boas práticas, cases, orientações são

sempre bem-vindas pra nortear o trabalho ou até mesmo criar algum *insight* interessante.

Quando fui convidado a participar do evento, aceitei imediatamente porque sabia que as informações que tinha poderiam fazer a diferença pra mais gente. Ainda há, na verdade, um grande tabu em torno desse relação entre Cooperativas e Prefeituras. No entanto, espero de verdade que esse quadro mude.

Vertentes Cultural – *Basicamente, então, havia a vontade de Cooperar com outros municípios... Importante, até, fazer essa pergunta: qual o significado do Cooperativismo de Crédito para Resende Costa e para sua gestão?*

Lucas Paulo – O Sicoob Crediverentes é parceiro de primeira hora em todos os sentidos e de todas as pessoas. Quer dizer, enquanto administrador, consigo perceber nitidamente seu apoio às iniciativas públicas (como as mobilizações em prol do Desenvolvimento Turístico na Cidade), a nossas instituições, associações, ao empreendedor.

E há também, claro, a questão financeira que você abordou mais cedo. É importantíssimo para nós saber que a renda gerada no Município fica no Município e é aplicada em prol de nossa gente. Cabe a nós, então, retribuirmos. Daí nos ancorar na legalidade e investir recursos na instituição também.

Vertentes Cultural – *Sua fala já mostra nas entrelinhas um processo minucioso de análise e decisão...*

Lucas Paulo – Sim. Houve muito cuidado na busca de informações, na observação dos dados. Sabíamos que havia amparo legal; sabemos que a Cooperativa tem raízes na nossa região; e encontramos muita rentabilidade no relacionamento – fizemos questão, inclusiva, de deixar isso bem claro nos gráficos que apresentamos aos demais prefeitos no *Encontro de Lideranças*. Isso sem falar, também, na questão filosófica de que onde há uma Cooperativa forte há uma Cidade forte.

Vertentes Cultural – *No caso de Resende Costa, uma “Cidade forte” no Artesanato e, cada vez mais, no Turismo também...*



Lucas Paulo – De fato. Acho que um dos talentos mais bonitos do Município é sua postura congregadora. E isso vale tanto para os relacionamentos familiares, entre vizinhos e na Comunidade; quanto para as relações políticas. Há, diria até historicamente, um entendimento de que é importante trabalhar pelo Bem Comum. Daí o reconhecimento como Capital Nacional do Artesanato (honrando um lega-

do que nos acompanha há séculos e não para de evoluir) e a consolidação do Turismo local.

Hoje, em Resende Costa, não testemunhamos apenas o “Turismo de Compra”. O que vemos é a criação de um “Turismo de Vivências” em diferentes nichos, na Cidade e no Campo. Tudo resultado de esforços coletivos tanto da população, que sempre foi engajada; quanto do empresariado; de asso-

ciações locais e de gestões municipais como a liderada pelo Aurélio (Suenes, hoje prefeito em São João del-Rei). Nossa missão, então, é de dar continuidade a esse projeto. Nada mais justo e nada mais essencial, já que foi pensado por tanta gente para perdurar, crescer, se multiplicar e trazer ainda mais resultados. ▼



© Stage Comunicação

A força do Brasil está no agro.



Agricultor familiar,
conte com a parceria
do Sicoob para investir
na sua produção.



Soluções completas:

Crédito
Rural

CPR

Seguro
Rural

Seguro de
Vida

Consórcio

Investimentos

Mais que uma
escolha financeira.

 **SICOOB**

Procure uma cooperativa.

Conheça e enalteça a Curruscuba

Quitanda típica - e exclusiva - de Dores de Campos ultrapassa a Culinária, alimenta a Economia e alcança o status de patrimônio

📍 Dores de Campos



É preciso encontrar, no *mineirês*, uma palavra que traduza o “Efeito Madeleine”. No livro *Em Busca do Tempo Perdido*, de Michel Prost, o personagem Marcel mergulha em chá um biscoitinho francês, morde uma beiradinha dele e... pronto! É arrastado, com o sabor, para velhas memórias de infância na casa de uma tia. Nasceu aí o termo que, na Psicologia, tem lá alguma associação a “Memórias Involuntárias”.

Nada que represente, do jeito certo, o que acontece em Dores de Campos. Porque ali esse fenômeno é tão rotineiro quanto coletivo. Quer dizer... Na cidade, a volta às raízes, a um tempo ou mesmo aos aromas de uma cozinha específica têm o mesmíssimo motivo: a Curruscuba. Mais ainda se, no ritual de degustá-la, for incluído um pedaço generoso de Queijo e uma xícara de Café.

Daí ser quase fácil entender por que o modo de fazer Curruscuba foi reconhecido, em 2024, como Bem Cultural

Imaterial dorense. “Quase” porque as reações ao biscoito feito com Fubá, Farinha, Açúcar, Leite, Ovos e Gordura são efeitos. Por trás deles, porém, há dezenas de causas que envolvem ancestralidade, resistência, tradição, memórias afetivas e, acredeite, sustança - em muitos sentidos. “O Tropeirismo e a ascensão das selarias têm papel essencial tanto na História quanto na Economia de Dores de Campos. Mas é interessante observar que ambos os movimentos foram ‘alimentados’, inclusive literalmente, pela atividade das Quitandeiras locais”, explica o historiador e pesquisador Wellington Silva.

HISTÓRICA E ATUAL

É impossível fugir da comparação: a Curruscuba é para Dores de Campos o que o Pão de Queijo é para Minas Gerais. E não há exagero nisso.

Na Feira da Agricultura Familiar a

demandas por ela chega a ser maior do que a oferta. Nas padarias e empórios é tão solicitada quanto o infalível Pão Francês. E nas cozinhas domésticas é a “culpada” por boa parte dos aromas exalando em cada formada.

Para os apaixonados por delícias caseiras e roceiras, a Curruscuba lembra esteticamente uma Rosquinha com textura de um típico biscoito de Fubá. Mas não o é.

Um bom e conectado membro da Geração Z até poderia compará-la aos famosos Donuts americanos no formato e na robustez. Mas seria um sacrilégio na Gastronomia Popular.

A Curruscuba, na verdade, tem textura e consistência. E a depender da massa ou da quitandeira, pode até quebrantar. Além disso, embora sua origem exata não seja concreta; é receita, fenômeno e produto consolidado em Dores de Campos, Minas Gerais, Brasil.



SÉCULO XIX

Saint-Hilaire foi um naturalista, botânico e viajante. O currículo, claro, não inclui ser dono de um paladar aguçado. Mas seus escritos sobre Minas Gerais (onde fez parada entre 1816 e 1822) dão a entender que tinha, ao menos, um paladar sortudo. Isso porque, no período, o francês teve acesso à farra comida mineira, então produzida especialmente com Farinha de Milho.

Na época o território já conhecia, há muito, as famosas Quitandeiras, mulheres que deram origem à “pastelaria de produção caseira, a exemplo de bolos, broas, rosas, sequilhos, doces em geral”. A definição é do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) - já em vias, aliás, de reconhecer o ofício como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

Também pudera: as Quitandeiras de Minas eram, à época, mulheres negras ou mestiças que produziam artesanalmente diferentes receitas e as vendiam como ambulantes carregando, na cabeça, os *kitandas* - isto é, “tabuleiros” no dialeto Quimbundo, falado no Noroeste de Angola. O resto é História.

E ela tem tudo a ver com a Curruscuba.

SÉCULO XX

Em Dores de Campos é assim: quem nunca ouviu falar em Maria Joanna de Jesus conheceu pelo menos um descendente dela. Mais que isso, a Culinária típica da Cidade deve muito a essa mulher negra, analfabeta, matriarca, comerciante e quitandeira de mão cheia.

No *Dossiê de Registro da Curruscuba Dorense*, disponível no site da Prefeitura local, seu nome aparece 13 vezes ao longo do texto. Algo semelhante acontece, também, no artigo de Wellington Silva que fundamentou esse mesmo documento. Mas foi bem antes, há cerca de duas décadas, que entrevistas de campo feitas por Riara de Fátima Barbosa passaram a consolidá-la, expressivamente, na narrativa popular.

Maria Joanna era negra e nasceu, segundo os dados trazidos a público, por volta de 1865 - isto é, seis anos antes da Lei do Vento Livre; e 23 anos antes de a Escravidão ser abolida no país. A família acredita que tenha sido alforriada.

Fato é que se transformou,

no fim do Século XIX e início do Século XX, numa lavadeira e quitandeira de referência em Dores de Campos. Moradora da Zona Rural, ela caminhava 20km até a cidade (ainda denominada Povoado do Patusca) pra vender os quitutes que produzia ou mesmo prepará-los em algumas residências. “Os familiares também contam que em algumas dessas viagens havia trabalho até a madrugada seguinte. E que a Curruscuba já era a quitanda mais requisitada. Mesmo assim, Dona Maria Joanna não fazia segredo quanto à receita dela e explicava todos os detalhes a quem quer que perguntasse”, explica Wellington.

A história da quitanda dorense começou, então, com a oralidade e solidariedade.

CURIOSIDADE

Todo Patrimônio tem uma (longa) trajetória. E no caso da Curruscuba seu processo de reconhecimento como Bem Imaterial também envolveu longas... *histórias*. Uma, claro, da própria família que introduziu a iguaria à população e aos paladares locais. Outra dizendo respeito às pesquisas que comprovaram seu impacto cultural, memorialístico, gastronômico, econômico e (por que não dizer?) emocional na coletividade dorense.



Porque em Dores de Campos todo mundo tem um causo, uma lembrança ou mesmo uma quitandeira de Curruscuba favorita. Inclusive a escritora e terapeuta complementar Riara Barbosa, que nunca esqueceu do cheiro e do sabor da quitanda feita pela bisavó, Dona Chica. Foi com ela, aliás, que Riara testemunhou o primeiro parto Na vida. Ou mais ou menos isso: "Na verdade eu espiei tudo pela greta de uma porta (*risos*)", confessa.

A mesma curiosidade fez Riara descobrir o telefone de Dorival Caymmi, ligar pra ele "na cara dura" e acabar conquistando sua amizade. Fácil entender, então, com que energia ela se moveu há cerca de 20 anos, quando saiu entrevistando dorenses cidade afora. Tinha, em mãos, um gravador de fitas e muitas perguntas - inclusive sobre a Curruscuba.

A investida terminou com dezenas de K-7s lotados e contatos diretos com descendentes de Maria Joanna de Jesus. "De conversa em conversa chegamos ao nome de quem havia disseminado a Curruscuba em Dores. Na verdade, a Maria Joanna aprendeu a receita com a mãe, Maria Manoela, que era africana e foi trazida como escrava para o Brasil. Mais que isso não se sabe. Infelizmente, as informações se perdem na falta de documentos sobre pessoas que eram marginalizadas socialmente", lamenta.

Mesmo assim, as investigações forneceram pistas suficientes para ligar pontos históricos e desenhar hipóteses sobre a origem da Curruscuba, cuja receita pode ter chegado a Dores de Campos com os africanos e sido adaptada com os ingredientes locais; ou mesmo desenvolvida e propagada por eles ali mesmo, no território. "Esse foi um fenômeno muito diverso", acrescenta Riara, "porque começou com as Quitandeiras negras assando tudo nos quintais de senhoras que jamais mexeriam naqueles fornos; e prosseguiu geração a geração com o modo de fazer Curruscuba tomando conta das cozinhas locais".

Com tudo isso anotado e gravado, Riara lembra que pediu o registro da Curruscuba como Bem Imaterial dorense ainda em 2010. A proposta, porém, ficou engavetada.

O TEMPO CERTO

Quem ouve Wellington Silva falar sobre a Curruscuba até imagina que ele cresceu à beira de um forno à lenha em Dores de Campos.

Sua familiaridade e paixão pela quitanda, porém, vieram do tino por preciosidades comunitárias e de uma dedicada imersão educacional.

Wellington é natural da cidade vizinha, Barroso, mas figura fácil nas ruas e nas escolas de Dores de Campos. Ali coordena o Projeto de Educação Patrimonial da Prefeitura - e ali mergulhou no mar de informações e vivências da Curruscuba até ser declarada, oficialmente, como Bem Cultural Imaterial da cidade, no ano passado. "Havia a porta já aberta pela Riara, que inclusive foi a primeira fonte para todo o trabalho; um desejo latente da população, que já reconhecia a força patrimonial da Curruscuba; e esforços concretos da Administração Municipal em enaltecer a identidade e o simbolismo da riqueza dorense em todos os sentidos - inclusive na Culinária", conta o historiador, que propôs a inclusão de novos protagonistas à história da Curruscuba.

Afinal, já que parte das origens do quitute estavam desvendadas, era importante jogar luz sobre as mãos contemporâneas que massam a relíquia dorense. "No passado, as primeiras Quitandeiras alimentaram suas famílias e trabalharam para servir, também, as mesas de terceiros. O tempo e o apego a aqueles sabores permitiu que receitas como a da Curruscuba nutrissem mais tarde os homens que viajavam como tropeiros ou saíam todos os dias para as selarias. E nada disso se perdeu. Hoje dezenas de mulheres perpetuam essa tradição dorense tanto para gerar renda quanto por questões afetivas e familiares. É quase impossível parar para um cafézinho no comércio ou dentro de uma casa sem encontrar a Curruscuba à mesa", avalia.

Esticar o fio que une passado e contemporaneidade demandou a Wellington um ano inteiro de andanças, conversas e pesquisas. Tudo isso culminando na elaboração de um artigo que foi entregue ao Conselho Municipal de Política Cultural de Dores de Campos e desencadeou formalmente o registro da Curruscuba como Bem Cultural.



IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO

Renato Malta é secretário municipal de Cultura e Turismo em Dores de Campos. E como todo dorense cresceu com a Curruscuba incluída no cardápio familiar. Além disso, garante que a melhor e mais gostosa é a feita pela avó, Dona Vera, “sem dúvidas”, garante aos risos.

Escolhas assim nem de longe soam como ofensas na cidade. Porque ali não é segredo, aliás: embora a base da receita para a quitanda seja parecida em todas as suas versões, cada quitandeira (no comércio ou em casa) acrescenta um detalhe diferente à própria massa, indo desde uma virada extra nas misturas a um dedinho de Canela ou outro toque próprio.

Mesmo assim e de maneira surpreendente a Curruscuba é única. Em todos os sentidos. “Há um momento comum na vida de todo dorense que é viajar para outras cidades de Minas e se espantar ao não encontrar a Curruscuba lá (*risos*). Demoramos a entender que ela é presente há tanto tempo e em tantos lares porque é nossa, real-

mente”, comenta Renato, acrescentando que as pesquisas em torno da iguaria envolveram vasculhar toda Minas Gerais - e ela não apareceu sequer em São Tiago, a Terra do Café com Biscoito.

Em outras palavras, a Curruscuba é dorense, sim. “Ao reacender a luz sobre as raízes da Curruscuba e registrá-la como Patrimônio, acendemos mais um motivo de orgulho para nossa cidade e para quem a produz”, comenta.

O secretário de Agricultura e Meio Ambiente, Eduardo Freitas, concorda.

E lembra de outra conexão importante: a Feira da Agricultura Familiar. Implementada há três anos, a iniciativa reúne 12 feirantes e, entre eles, Quitandeiras que levam Curruscubas às bancas. “Costumo dizer que ‘atrás do morro há muita coisa boa sendo feita’. E essa iniciativa é uma oportunidade para que esses excelentes produtores e tudo o que oferecem de melhor esteja aqui, na cidade, criando também um ponto de comércio e encontro ao ar livre. Ali os visitantes vão encontrar ingredientes da roça pra assarem suas Curruscubas ou a própria quitanda prontinha, feita de maneira artesanal num forno à lenha, resgatando mesmo nossas raízes e riquezas rurais”, analisa.

Mais ações em torno da Curruscuba e de suas produtoras seguem acontecendo. Em parceria com o Senar, um curso de Produção Artesanal de Quitandas Mineiras uniu mais de 30 mulheres e incluiu a Curruscuba no aprendizado. Ao mesmo tempo, um cadastramento foi aberto no Município para mapear definitivamente quantas Quitandeiras seguem na ativa, movimentando a Economia e mantendo a tradição em Dores de Campos.

HERANÇA FAMILIAR

Dizer que a Curruscuba é “velha conhecida” em Dores de Campos não é força de expressão. A contar da família que introduziu a receita (além do sabor e do próprio costume de incluí-la nas refeições dorenses) são pelo menos 150 anos de iguaria artesanal - atravessando seis gerações.

Até onde se sabe, vale recapitular, essa história da Culinária Popular começou com Maria Manoela, mulher africana que produzia a quitanda em Dores de Campos e ensinou a receita à filha, Maria Joanna, nascida já no Brasil. Na juventude e vida adulta, era ela quem cruzava o caminho entre roça e arraial (hoje Município) para vender as fornadas a que se dedicava ou assar tabuleiros inteiros pra outras famílias.

Maria Joanna, por sua vez, deu à luz os “Mineiros”, dentre eles Júlio, Jorge, Maria da Conceição e Ana Mineiro - esta última reconhecida como a quitandeira que popularizou a Curruscuba em Dores de Campos.

Isso porque a família, em dado momento, passou a se instalar na Zona Urbana; e seguiu fazendo do talento quitandeiro a maior fonte de renda. Para os dorenses, então, abordar um dos Mineiros e comprar delícias caiseiras caprichosamente organizadas dentro de seus típicos balaios já fazia parte da rotina.

A produção das iguarias e a fama da família se consolidaram mais ainda com a instalação de um forno de barro no quintal da casa de Ana Mineiro. E era dali que saíam variedades como “Cubú, Pão de Queijo, Quebra Pão de Nora”. Tudo isso além de uma famosa receita própria, a “Rosquinha da Ana”, conforme listado no artigo de Wellington Silva e no Dossiê de Registro da Curruscuba Dorense.

FORÇA FEMININA

Riara Barbosa e Wellington Silva têm mais em comum do que pesquisas e movimentos pelo registro da Curruscuba como Bem Cultural Imaterial em Dores de Campos. Isso porque ambos evidenciam e frisam, em suas falas, o protagonismo feminino, negro, empreendedor e além-do-tempo na família que deu origem a esse patrimônio sempre quentinho no(s) forno(s).

“As meninas auxiliavam na cozinha da família desde muito cedo, ainda na infância. E passavam por todas as etapas de produção das quitandas, indo desde a coleta da lenha e a busca por ingredientes; até a feitura das massas, a lida com os fornos e a venda dos produtos pela Cidade. Os homens aparecem nesses relatos como aqueles que confeccionavam os tabuleiros, auxiliavam no comércio dos quitutes... Mas são poucos. Os ofícios exercidos por eles eram outros e estavam nas selarias, por exemplo”, explica Wellington.

Riara acrescenta, a essa visão, o desapego e a Cooperação entre mulheres de níveis financeiros muito diferentes: “As Quitandeiras que trouxeram, desenvolveram e propagaram a Curruscuba em Dores de Campos eram analfabetas. Tudo o que sabiam fazer vinha de receitas que guardavam na memória, de medidas ‘no olho’, de saberes lindíssimos na prática. E mesmo sendo eles os garantidores da renda familiar, foram passados gentilmente adiante. As Quitandeiras ensinavam às filhas, às vizinhas e mesmo às clientes como preparar quitutes - e o faziam oralmente”.

De fato, as pesquisas de ambos e o dossiê oficial em torno da Curruscuba apontam para o mesmo fato: anotações sobre o modo de fazer a quitanda apareceram apenas nas primeiras décadas do Século XX e foram passando de casa em casa, caderno a caderno de receitas até popularizar a iguaria.

LEMBRANÇAS

Maria Aparecida de Assis tem 59 anos e fez mais do que testemunhar boa parte dessa história: foi atuante nela como quitandeira desde os ternos 9 anos.

Na verdade, Maria Aparecida é neta de Ana Mineiro e filha de Maria do Livramento de Assis, a emblemática Dona Chata de Dores de Campos. “Ninguém sabe o porquê do apelido. Mas minha mãe o abraçou e ele virou a identidade dela. Todo mundo conhece ou já ouviu falar da Dona Chata”, conta sobre talentosa quitandeira que fazia, como ninguém, Pão de Queijo, Rosca, Torradinhas, Broas, Pães Folhados e Recheados... E Curruscuba, claro.

Michelle Assis, filha de Maria Aparecida e neta de Dona Chata, também lembra dela com carinho - e muitas memórias olfativas. “Aquela casa viajava cheia de gente e a mesa era abarrotada de tabuleiros saindo do forno que não parava um segundo. O trabalho começava às 6h e ia até infinito, enquanto houvesse encomenda pra entregar. Era uma vida dura de muito trabalho, mas muito feliz”, suspira. E emenda: “Eu lembro do cheiro da comida e do aroma da Curruscuba incendiando tudo. É uma saudade gostosa”.

Michelle explica que “ninguém ali imaginava deixar um legado pra Cidade inteira. O propósito era ter renda em casa com o talento que Deus deu”. Ainda assim, confessa que vê como justo e merecido o reconhecimento às ancestrais.

A mãe dela, Maria Aparecida, se emociona ao ouvir isso: “Na família as mulheres ficavam viúvas muito cedo e se viam praticamente sozinhas com crianças pra cuidar. Por isso se uniam mais. Por isso as quitandas eram a salvação”. E seguem assim para outras mulheres - como fica claro a seguir.



O EMPÓRIO

Dulua foi a primeira mulher a dirigir em Dores de Campos. Nhá era capaz de driblar as dificuldades de casa e alimentar até crianças que nem eram dela quase todos os dias no café da manhã.

E foi inspirada na fartura de coragem e talento das avós que Silvana Sales cresceu. Empreendedora e quitandeira, ela é dona do Sabores d'Minas, um empório com tantas opções a servir que se torna quase impossível listar o cardápio aqui. Mesmo assim a Curruscuba - que aprendeu com as matriarcas - é "a prata da casa" e vale ouro por ali. "Asso de dois a três quilos várias vezes na semana. E se por acaso deixar de fazer isso as pessoas param aqui na calçada pra protestar", brinca.

Silvana não reclamou da super demanda nem em Abril deste ano, quando mesmo recém-operada precisou produzir a quitanda. "Sou muito grata. Foi com essa receita e o amor das pessoas pela Curruscuba que consegui pagar a faculdade da minha filha", diz sobre a arquiteta Geovanna Sales.

A infância como vizinha de Ana Mineiro, Dona Chata e Maria Aparecida também influenciou nisso. "Lembro que a porta da casa delas ficava sempre aberta e, do nada, entravam umas 30 crianças lá dentro pra beliscar um quitute - eu era uma delas (*risos*). E por isso guardo lembranças carinhosas das três com avental e sorrisos enormes vendo a molecada de mãos e bocas cheias", gargalha.

Com tantas fontes afetivas e históricas na Culinária Popular, Silvana massou a primeira Curruscuba aos 14 anos e de lá pra cá aperfeiçoou o modo de fazer. "A base e a essência são as mesmas pra todo mundo. Mas cada quitandeira coloca seu toque, seu jeito. A minha receita tem 'duas viradas de óleo' e que medida é essa só eu sei", conta enquanto enche a mesa de Curruscubas e outros quitutes para servir à equipe da *Vertentes Cultural*. "Recusar é uma ofensa, tá?", avisa ela que já sonha em assar a iguaria num forno à lenha mantido pela mãe.

Questão de tempo. E de tradição.



AFETIVA E TERAPÉUTICA

Santo de casa faz milagre, sim. E as quitandas produzidas por Elaine Silva são provas disso. Ex-vereadora, a dorense deixou a Política para cuidar de questões familiares; e encontrou nas receitas aprendidas com a mãe, Dona Branca, uma forma saborosa de terapia, autocuidado e até descanso. “Quando eu tinha 11 anos, minha mãe infartou. Então passei a ficar em casa com ela e, como é comum aqui na Cidade, se-parávamos um dia inteiro pra produzir quitandas”, explica.

Em Dores de Campos, aliás, *fornear* é um verbo pronunciado por quase todo mundo. E uma prática que segue constante para mulheres como Elaine, que vêm no massar-assar-servir uma forma de afeto.

As fornadas da quitandeira - que chegam a bater 8kg de produção - acontecem todas as Sextas-Feiras e têm um único propósito: atender a família. “Meu filho Lucas vive sugerindo que eu vá além e comercialize. Mas acho que ainda não é a hora. Por enquanto estou feliz em atender quem está ao meu redor”, garante - para uma quase tristeza dos potenciais consumidores.

Bem ao lado de onde mora, por exemplo, há um agitado bar cuja música raramente para. Quando Elaine passa carregando quitandas recém-tiradas do forno, porém, o que se ouve são os comentários sobre o aroma das iguarias que incluem, claro, a Curruscuba. “Ela não pode faltar especialmente para o meu pai, Antônio, porque ele leva pros amigos no sítio e compartilha com todo mundo. É o compromisso de fim de semana dele”, diz rindo.

Cuidadosa e atenta aos detalhes, ela diz por exemplo que massar Curruscuba exige delicadeza. “Então em vez de sovar a massa você faz um movimento com as pontas dos dedos. É quase um carinho”, compara.

E ai da receita que, por algum motivo, desandar. Na manhã em que re-

cebeu o time da *Vertentes Cultural*, Elaine preparou uma mesa repleta de seus melhores feitios. Mas lamentou que as Curruscubas servidas estavam - aos olhos dela - “mirradinhas demais”. Quem provou não percebeu. Mas três dias depois, ainda consternada, Elaine enviou um vídeo à equipe pra mostrar a “Curruscuba perfeita” que estava produzindo. “Vocês precisam voltar pra eu me desculpar”, disse.

Para os dorenses, hospitalidade também é “patrimônio” a ser preservado.



NA FEIRA, NAS MESAS

O nome dela é Bruna Andrade. Mas na Feira da Agricultura Familiar, em Dores de Campos, é conhecida de outro jeito. Até pouco mais de 10 meses atrás, era a “moça grávida”; depois, passou a ser a “moça com a neném” (em referência à pequena e fofo Maria Cecília, irmãzinha de Sebastião Henrique, 7 anos).

De toda forma, todos os “apelidos” são usados com o mesmo objetivo pelos visitantes da feirinha: buscar pela Curruscuba que a jovem produz.

Bruna nasceu em Lagoa Dourada, a famosa Terra do Rocambole. Mas foi em Dores de Campos, há mais ou menos uma década, que se transformou em quitandeira oficialmente. Entre as receitas, claro, não poderia faltar a Curruscuba ensinada pela sogra, Norma Buzatti. “Foi algo interessante porque a Dona Norma também aprendeu a receita com a sogra dela, logo que entrou para a família. Acho que é um ritual de chegada”, brinca.

O que Bruna não imaginava era que a Curruscuba seria mais que uma “receita de família” - seria uma mudança de vida.

Há três anos, a quitandeira participa da Feira da Agricultura Familiar e leva quase dez tipos de produtos artesanais diferentes aos consumidores. A Curruscuba, porém, é a primeira a surmir da banca. “Dia desses uma senhora apareceu pra comprar um balde inteiro do quitute. Disse que o marido experimentou e se emocionou porque estava ‘igualzinho ao da avó’. Fiquei feliz e muito comovida. Sei o que significa provar algo e ser levado pra perto de alguém que já não está entre nós”, conta.

Acontece que vem de brinde, com o elogio, uma grande responsabilidade. “Minha sogra faz a Curruscuba ‘no olho’, sem anotar quantidades. Já eu sempre precisei das medidas certinhas até chegar no ponto, do jeitinho que o dorense aprecia”, acrescenta. Segredos para o sucesso? Tem e não escon-

de: “Só asso no forno à lenha e faço questão de acrescentar Canela e uma pitada de Sal”.

A conversa com a *Vertentes Cultural*, aliás, aconteceu no exato momento em que Curruscubas cheias de aroma iam quentinhas para a mesa; numa maratona de produção iniciada às 5h daquele dia e programada para terminar só às 18h com toques de pura expertise. “A Curruscuba é a última a ser massada e a primeira a ser assada. Além disso é uma quitanda ‘ciumenta’, exige atenção. Como bem diz a minha sogra, ‘pro forno a gente não dá as costas’”, revela com um sorriso de quem ama o que faz.

Esse, com certeza, é outro “ingrediente” que não pode faltar.



ÚNICA

Definir a Curruscuba não é tarefa fácil. E a incapacidade de cumprir essa missão só deixa mais claro que a iguaria é uma “experiência a ser degustada”. “É engraçado porque as pessoas às vezes tentam resumir a ‘um Biscoito de Fubá’ que tem em todo lugar. Mas não é”, explica Michelle Assis, descendente da família que introduziu, popularizou e eternizou a Curruscuba em Dores de Campos.

Nossa reportagem fez o teste e “exportou” a quitanda-patrimônio para São João del-Rei, onde apreciadores do mais que típico Biscoito de Fubá confirmaram: a Curruscuba é deliciosamente diferente. “E que bom, né? Isso significa mais sabores no nosso cardápio”, avaliou a empreendedora Liliane Passos.

Maria Aparecida de Assis, filha da famosa Dona Chata (e mãe de Michelle, citada linhas acima), se diverte com depoimentos assim um segundo antes de cair no choro. “Ah... Essas coisas me fazem voltar à nossa casinha, à felicidade das pessoas experimentando o que a família produzia sem nem imaginar que seria algo tão importante um dia”.

E como é! Em Dores de Campos, a primeira mordida de um visitante em qualquer Curruscuba vem com orientações: “opa! Não esquece de um pedacinho de Queijo”; “se for Manteiga da roça pode passar por cima também”; “um pedacinho, um gole de Café, hein?”.

Faz sentido. Um patrimônio da terra é quase tão “sagrado” no coração da Comunidade que merece, sim, seus “rituais”. ▼



RECEITAS

Com a Curruscuba é assim: quem vê quer entender do que se trata a iguaria robusta e cheirosa. E quem degusta já pede logo a receita. Originalmente, lembra Maria Aparecida de Assis, os ingredientes selecionados pela bisavó, Maria Joana, eram “um prato de Açúcar Mascavo, outro de Gordura de Porco e um terceiro com Farinha de Trigo; 2 ovos; meio litro de Leite Azedo; uma colher de Bicarbonato; e Fubá de Moinho d’Água até endurecer a massa”.

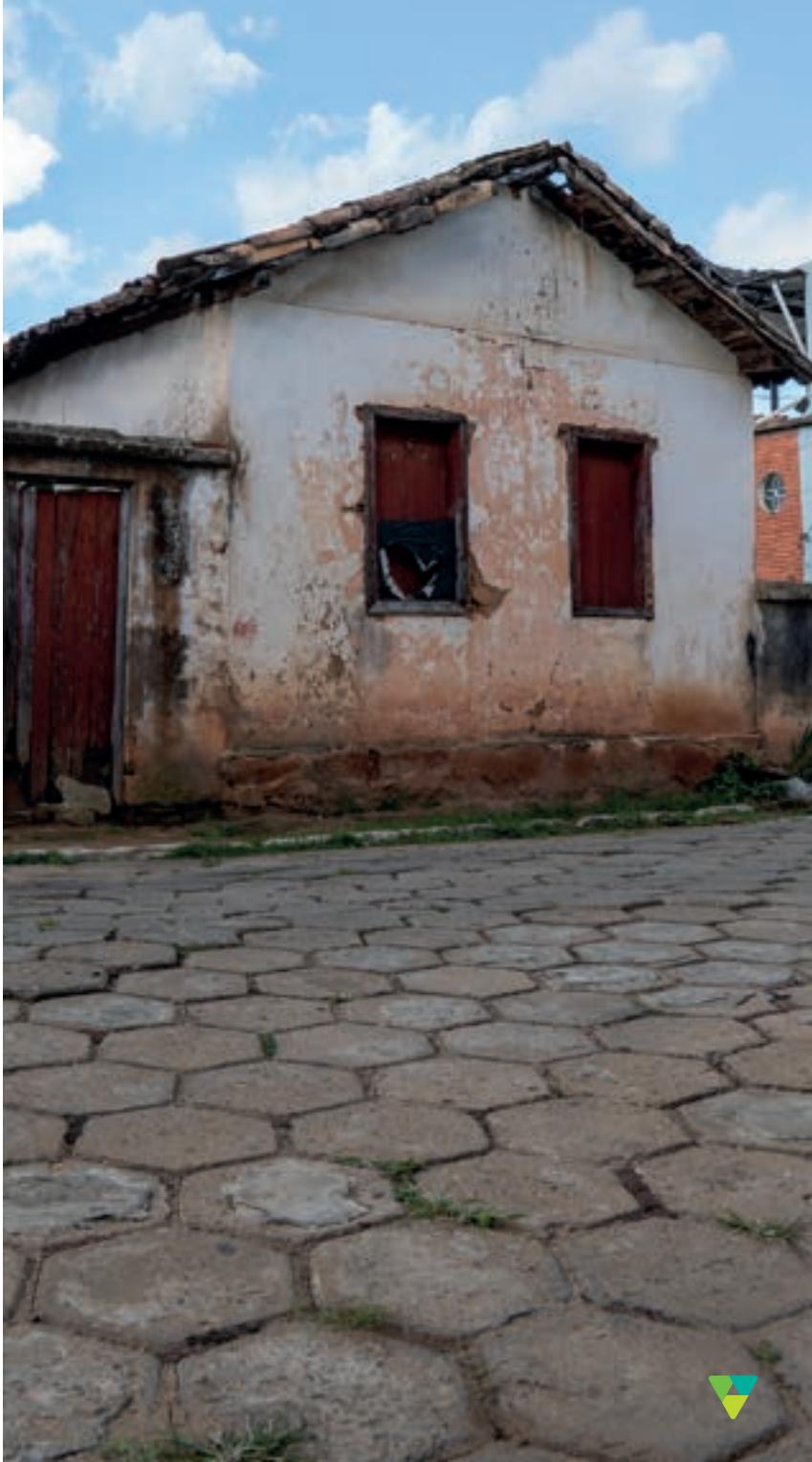
A presença do Açúcar Mascavo, aliás, indica que a Curruscuba é mesmo centenária. “São curiosos os movimentos da História porque, hoje, o Mascavo é um item quase de luxo na dieta do brasileiro. Por ser menos processado e portanto mais saudável, ele tem valores mais altos nas prateleiras. No Século XIX, porém, era ingrediente popular no sentido de ‘ser acessível ao povo’”, explica Wellington Silva.

Com a ascensão da variedade industrializada, as receitas de Curruscuba também mudaram. Ao mesmo tempo, quitandeiras como a própria Dona Chata foram dando seus toques ao quitute que, mais tarde, se transformaria em Bem Cultural Imaterial. Assim, a receita original passou a falar em “um quilo de Farinha de Trigo e um prato fundo de Açúcar Cristal”. Além disso, vieram à tona o “Pó Royal e um pouco de Canela em Pó”.

Nada disso, porém, ficou preso ao tempo. Sim, a Curruscuba já ganhou um “passo-a-passo” na internet. Em Setembro do ano passado, o perfil “Cozinhando com Adrian” lançou, no Instagram, um vídeo dinâmico e didático focando em todo o processo.



Em Dores de Campos,
casinha onde residiram
Quitandeiras como Ana
Mineiro e Dona Chata ainda
está de pé, embora sem
moradores. O forno à lenha
usado pela família também
resiste ao tempo no quintal



ALIMENTANDO A ECONOMIA

Mas afinal, de onde vem o nome *Curruscuba*? Bom, a grafia com “u”, conforme indica Wellington Silva, é “particularidade de Dores de Campos”, dando um “quê” ainda mais exclusivo à quitanda inegavelmente da cidade. O termo *Corruscuba*, no entanto, tem definições localizadas facilmente. Em sites de busca, o verbete aparece significando “aquele que é destemido, audaz, hábil, excelente”. A mesma definição aparece no *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil*, de Clóvis Moura; e no livro *Contos Populares Brasileiros*, de Lindolfo Gomes. “Numa adaptação, então, é bem possível que a quitanda recebeu esse nome por ser um alimento que é robusto, dá sustância, fortalece”, avalia Wellington.

Formas de consumo tradicionais da Curruscuba, inclusive, comprovam isso. A maior parte dos entrevistados para esta matéria relatou, em algum momento, sobre a presença da quitanda nos Cafés da Manhã e da Tarde de celeiros conhecidos - fossem pais, avós, vizinhos. E o mesmo aconteceu, também, no Tropeirismo.

Anísio Ferreira, mais conhecido como Didico do Rapé, fala sobre isso. “Saí de casa aos 11 anos pra virar tropeiro e em toda viagem levava Curruscuba comigo. Era o que mais tinha em Dores de Campos, aguentava quase um mês de peleja sem estragar”, lembra.

O empresário Elerson Herculano, filho do ex-tropeiro José Herculano Sobrinho, tem relatos semelhantes. “Meu pai começou no meio com a mesma idade do Didico e levava as Curruscubas da mãe dele viagem afora - que podia demorar seis meses. Mais tarde, quando o comércio já era feito de carro, eu cheguei a acompanhá-lo - e a quitanda ia com a gente”, acrescenta.

Além de Bem Cultural Imaterial, então, a preciosidade dorense já pode ser aclamada como “Patrimônio Econômico”. Afinal, Dores de Campos é oficialmente a Capital Mineira da Selaria desde 2017, com título conferido pela Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG). Antes, o Tropeirismo também deixou marcas fortes na História local, estruturando uma forma de comércio ambulante em arraiais, fazendas e mesmo pequenas cidades tanto de Minas quanto Rio de Janeiro, São Paulo e até Mato Grosso - tudo isso nos lombos de mulas e burros entre os Séculos XVIII e XIX. Seu Didico diz que ‘em 1950 havia pelo menos 200 tropas na cidade’, empregando “90% dos meninos e homens dali”.



Tricentenária, histórica, vasconcelense

Matriz de Nossa Senhora do Rosário chega aos 300 anos com paredes espessas, bases fortes, fé popular e proteção à memória

 [Alfredo Vasconcelos](#)



Em 1214, um atribulado Domingos de Gusmão se ajoelhou na igreja do Mosteiro de Prouilhe, na França, e pediu socorro a Nossa Senhora. Na época, especialmente no Sul do país, um levante contra os princípios da Igreja Católica se transformou num embate político e territorial sangrento.

Domingos de Gusmão, então, jejou três dias e três noites clamando pela misericórdia da Mãe de Cristo. Mais do que ouvido, no entanto, ele foi contemplado com uma aparição: nela, a Virgem Maria lhe estendeu um Rosário e afirmou que da oração viria a reforma do mundo – a começar pelo resgate de “corações endurecidos”.

Tinha início ali a devoção a *Nossa Senhora do Rosário*.

E foi a ela que, mais de 800 anos depois, Adriana Mendes pediu socorro do outro lado do Planeta, mais especificamente em Alfredo Vasconcelos, no Campo das Vertentes.

A auxiliar de Serviços Gerais – cujo nome do meio é “Maria” – lutava para cicatrizar uma ferida aberta no pé esquerdo, com dores terríveis, há quase um ano. Nesse período, peregrinou por três ortopedistas e passou por exames a perder de vista. Diagnósticos conclusivos não vieram, mas um prognóstico difícil, sim: o membro precisaria ser amputado em breve. “Lembro que nu-

ma noite visitei a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e comecei a chorar, desconsolada, olhando pra imagem da Santa. Pedi a misericórdia dela já sentindo que seria atendida. Só não sabia como”, conta Adriana.

Dias depois, ao receber um curativo no pé, viu “uma coisa que lembrava a espinha de um peixe” ser retirada da ferida até então teimosa em se manter aberta e inflamada. Dali em diante, contrariando as piores perspectivas, a lesão começou a cicatrizar. Daí Adriana dizer que tem um novo propósito: propagar a quem quiser ouvir sobre o poder da fé em Nossa Senhora do Rosário.



Ou melhor: na padroeira de Alfredo Vasconcelos cuja Igreja Matriz, erguida como capela por seus devotos, completa 300 anos em 2025. Relatos de cura, redenção, amparo e soluções milagrosas são recorrentes na Cidade. Mas junto a elas há também “histórias com h minúsculo” compõe a História em si.

Isso porque as paredes da Matriz do Rosário – como é conhecida localmente – já ouviram as angústias de um padre inconfidente e enfrentaram tanto a ruína do tempo quanto restaurações insistentes. O adro do templo não é diferente: ali já foi recebido um ex-presidente da República. Da mesma forma, sob um céu tomado por foguetes, a população inteira festejou... a liberdade.

TRICENTENÁRIA

O Brejo do Amparo, em Januária, está a 740km. O Quinto do Sumidouro, em Pedro Leopoldo, a 220km. Mas a devoção religiosa subverte a Geografia para aproximar esses distritos de Alfredo Vasconcelos.

Isso porque as duas Comunidades, no Norte de Minas, têm igrejas dedicadas a Nossa Senhora do Rosário – e ambas estão, na verdade, entre as primeiras construções religiosas do Estado, em finais do Século XVII. Décadas depois, São João del-Rei e a Fazenda Ribeirão de Alberto Dias também ganharam templos dedicados à mesma Santa.

Mas espera aí: *Fazenda Ribeirão de Alberto Dias?* Sim. Por volta de 1690, os bandeirantes e sertanistas que desbravaram Minas Gerais encontraram por aqui uma outra fartura (além do ouro que buscavam): a de precariedade e medo. Isso porque já se espalhava a fama cruel de saqueadores no famigerado “Caminho Velho” – isto é, na estrada que ligava Paraty (RJ) a Ouro Preto (MG) em cruzadas de pelo menos 90 dias.

Tudo mudou às vésperas de 1700 quando, com permissão da Coroa Portuguesa, Garcia Rodrigues Paes Leme abriu outro trecho mapa afora, com golpes de facão. O Caminho Novo reduzia as viagens para 30 dias e, estimam historiadores como Sebastião Deister, foi concluído antes de 1710.

Nesse ponto, o pesquisador, escritor e vereador Renato Bianchetti Azevedo traz detalhes ainda mais interessantes. Segundo ele no livro *Alfredo Vasconcelos: quem te conhece, jamais esquece!*, o

desenho do Caminho Novo cortaria a cidade atual “de Norte a Sul vindo de Ressaquinha (MG)”. Mas e no cenário de três séculos atrás? O que o tal trajeto abrangia? O que havia, a partir de 1720, era justamente a Fazenda Ribeirão de Alberto Dias. Seu nome fazia referência ao bandeirante português que desbravou o território e encontrou ouro nas águas locais; mas sua posse estava atrelada a outro homem: o Coronel José Lopes de Oliveira.

Fato é que, nesse imóvel, foi construída em 1725 uma capela em honra a



Nossa Senhora do Rosário – e ao redor dela teve início, enfim, o povoamento da futura Alfredo Vasconcelos.

DE ALGUNS, PARA TODOS

Natural de Barbacena, o Padre Leonardo Sérgio Rosa Carvalho foi, por quase três anos, o pároco na Matriz do Rosário. “Foi” porque, pouco depois da entrevista à *Vertentes Cultural*, foi convocado para outra missão pelo Vaticano. O triênio na cidade, porém, foi suficiente para falar sobre a história da igreja com a mesma segurança das homilias dominicais – e conhecer Alfredo Vasconcelos como se ali tivesse nascido ou crescido. “Os mesmos bandeirantes que levavam nosso ouro

deixavam, onde paravam, outra preciosidade: a devoção a um Santo. E foi isso o que aconteceu aqui na Comunidade. A capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário teve construção finalizada em 1725, dentro de uma fazenda, para momentos de oração dos moradores e trabalhadores”, diz enquanto observa a Matriz. Daí completa: “Olho pra ela, que hoje atende uma Cidade inteira, e vez ou outra tento deduzir a dimensão da fazenda que a abrigava”.

Nesse sentido, a História dá algumas dicas. Reforçando dados que incluiu no livro sobre a terra natal, Renato Bianchetti afirma que o dono da propriedade, José Lopes de Oliveira, foi simplesmente um dos maiores latifundiários nos arredores de Barbacena. Além disso, figurou como um dos homens mais “abastados de Minas Gerais” numa lista secreta enviada a Portugal em meados do Século XVIII.

HISTÓRICA

Se a trajetória de Alfredo Vasconcelos fosse contada em números, Matemática alguma faria sentido. Mas a História apazigua calculadoras – e deixa claro por que a Igreja de Nossa Senhora do Rosário é mais que um pilar religioso por ali. É, na verdade e sem dúvidas, uma testemunha monumental dos prodígios comunitários (algo fácil de entender).

A igreja (que um dia foi capela restrita a uma fazenda, vale lembrar) completa ainda em 2025 três séculos de construção. Sua elevação a Matriz, porém, é muito mais recente. Isso porque só em 1966 a Diocese de Mariana oficializou a Comunidade – que crescia cultural, social e religiosamente ao redor do templo – como Paróquia.

Mais jovem ainda é autonomia de Alfredo Vasconcelos, reconhecido como Município há pouco mais de 30 anos por iniciativa e resistência pública. Algo de que Renato Bianchetti se lembra como ninguém.

Ainda na adolescência ele era o que poderia se chamar de “agitador nato” no melhor dos sentidos. Isso porque era considerado um excelente futebolista – e movimentou outros jogadores até ver times locais disputando torneios da região. Uma lesão no joelho o fez deixar os gramados, mas acabou levando-o para o campo político com afínco.

Ainda jovem, aliás, esteve entre os vasconcelenses diretamente engajados





Padre Leonardo: "Aqui me valho de uma lição do Papa Francisco: se invalidamos ou esquecemos nossa História, perdemos a chance de aprimorar o Futuro"

DE CAPELA...

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é categórico: a Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto (MG), inaugurou com esplendor o Barroco Mineiro. Mais do que isso, o fez sendo, ainda, a grande obra-prima de Aleijadinho - tanto nos riscos das portadas e nos ornamentos minuciosos quanto no próprio projeto arquitetônico. Não basta-se isso, a edificação erguida a partir de 1776 tem pinturas de Mestre Ataíde em todo forro.

Alheia ao requinte e até a alguma excentricidade artística, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Alfredo Vasconcelos, é um marco igualmente histórico e ainda mais antigo em outra vertente: a de existência e resistência. Algo já simbolizado, talvez, em suas paredes que ultrapassam um metro de espessura - e que se mantiveram de pé três séculos adentro. As demais características mudaram, sim. Por um lado, com o impacto do tempo e de alguns abandonos circunstanciais. Por outro, com a intervenção corajosa de fiéis católicos que se negaram a deixá-la ruir.

Daí haver um equilíbrio perfeito entre suas bases do Século XVIII e, ao mesmo tempo, o aval de não ser patrimônio necessariamente intocado.

“O piso e o altar-mor não são os mesmos de 300 anos atrás. Não se sabe, na verdade, como a Capela realmente era. Mas é notável que foi sendo resgatada e hoje se mantém em pé, como Igreja, pela força da própria Comunidade”, diz Padre Leonardo, seguido por Renato Bianchetti também num ritmo entre o didático e o poético: “As pessoas podem chegar e não ver exatamente o que existiu na época da Fazenda Ribeirão. Por outro lado, ficam frente a frente com a pia onde foram batizadas, o altar onde os avós se casaram... E sabem que estão, ainda, sob o teto de uma estrutura que ‘viu nascer’ Alfredo Vasconcelos. Essa a beleza da História e do patrimônio afetivo, digamos assim”.



... A MATRIZ

As torres simétricas e de linhas cuidadosamente retas não faziam parte do projeto religioso a ser construído na Fazenda do Ribeirão de Alberto Dias. Até porque, vale lembrar, tratava-se a princípio de uma “capela doméstica”, como chama o pesquisador e professor Davi Prado Machado. Isso sem falar, claro, em preceitos da própria Igreja Católica que ajudavam a hierarquizar, organizar e definir a estética dos espaços religiosos de menor porte.

Comparando as definições de nomes como Elio Moroni Filho ao que se vê na hoje Igreja de Nossa Senhora do Rosário, aliás, pode-se dizer que tem características do Maneirismo italiano trazido para Minas Gerais, ainda segundo ele, por construtores baianos. Coincidência ou não, inclusive, Padre Leonardo lembra que à época das obras na então capela “toda estrutura eclesiástica do Brasil era baseada em São Salvador, na Bahia”. Isso significa que a permissão indispensável para constituir e oficializar as atividades no pequeno templo veio de lá.

Daí ser ter nave e altar retangulares, com portada única na fachada e três janelas como adorno (uma delas, pequena e arredondada, no centro dessa área).

Para quem se pergunta sobre a Diocese de Mariana ao ler este trecho: sim, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário é mais antiga que sua própria Diocese, criada em 1745 e instalada só três anos mais tarde.



na autonomia do então distrito pertencente a Ressaquinha. A campanha, forte, envolveu cartas trocadas com deputados estaduais, reuniões a perder de vista e debates intensos.

Em 1989, um Fernando Collor ainda candidato à Presidência da República passou por Alfredo Vasconcelos, discursou no adro da Matriz do Rosário e se reuniu, na Casa Paroquial, com a Comissão Emancipacionista da Comunidade.

Dois anos depois, no mesmo espaço, uma multidão se reuniu para celebrar outra vitória: a da autonomia local. Tudo depois de um Plebiscito que deixou claro ser aquele um desejo de 97% dos eleitores.

As carreatas, os buzinaços e os foguetes foram ainda mais barulhentos (também no adro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário) em Abril de 1992. Isso porque a Lei 10.704 oficializou Alfredo Vasconcelos como Município com gestão própria, independente, livre. “É inegável a importância da Matriz na história do povo e da cidade. Somos cidadãos batizados que comungaram, se casaram, rezaram ali. Por outro lado, essa igreja também foi o cenário em que festejamos conquistas coletivas sempre abençoadas por Deus”, analisa Renato, não por acaso pesquisador devotado e autor de três livros sobre o canto do mapa em que nasceu e por que é apaixonado.

LAR DE UM INCONFIDENTE

Coincidência ou não, Fé e Liberdade foram conceitos que se atravessaram em outro momento histórico dentro de Alfredo Vasconcelos – mas com impactos num Brasil que se rebelava contra o *status de “Colônia”*.

Acontece que em 1740 nasceu na Fazenda do Ribeirão de Alberto Dias um bebê que receberia o nome do pai e dono daquelas terras: José Lopes de Oliveira. Crescido, ele foi ordenado padre no Rio de Janeiro e logo retornou para a terra natal, onde se tornou capelão na igrejinha erguida pela família, a de Nossa Senhora do Rosário.

Mais que um guia religioso, no entanto, Lopes de Oliveira foi um revolucionário e pagou preços altos por isso. Membro da Conjuração Mineira e amigo de Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), o padre defendia o fim do Brasil Colônia e a instauração de um regime republicano no território. Uma postura ousada e rebelde, diga-se, num contexto em que a Mineração entrava em declínio na (então) Capitania de Minas Gerais; e que os impostos abusivos de Portugal já irritavam - e revoltavam - os mineiros.

Oliveira, no entanto, foi delatado. Depois disso, teve bens confiscados e foi preso.

Nos *Autos de Devassa da Inconfidência* – registros do processo judicial movidos pela Coroa Portuguesa contra Tiradentes e os demais conspiradores –, o padre é citado junto com o irmão, Francisco, como infratores do “Crime de Liberdade”. Além disso, ele é desrito como alguém que “sabia completamente do negócio” e confessava a trama em seus depoimentos.

O religioso acabou degradado para Portugal, onde permaneceu detido, e faleceu no Forte de São Julião em 1796. “Em um dos meus livros chamo o que ele passou de ‘calvário’. E as paredes da (hoje) Igreja de Nossa Senhora do Rosário foram testemunhas da angústia, do medo de ser pego, dos perigos que



Renato Bianchetti:
“Essa igreja também
foi o cenário em que
festejamos conquistas
coletivas sempre
abençoadas por Deus”



A IMAGEM

Antes de Aleijadinho por ter havido o Mestre de Lagoa Dourada, um artista de rosto e nome reais desconhecidos enquanto suas esculturas sacras, (re)encontradas nos anos 2010, têm características únicas elencadas e pautadas em trabalhos aca-dêmicos.

Um artigo assinado pelo pesqui-sador Luiz Cruz e publicado pela Es-cola de Belas Artes da UFMG revela dados importantes dessa história, também noticiada pela *Gazeta de São João del-Rei* a pouco mais de uma década.

Nos textos são mencionados do-cumentos e obras que comprovariam a existência de um escultor anterior a Aleijadinho no Campo das Verten-tes - tendo vivido no entorno de São João del-Rei nos Séculos XVII e XVIII. As descobertas foram feitas pelos pesquisadores e restauradores Carlos Magno e Edmilson Barreto Marques.

A suspeita é de que o Mestre te-nha vindo para a região com ban-deirantes e, sem modéstia histórica, influenciado o Barroco com peças lo-calizadas, em sua maioria, na cidade de Lagoa Dourada.

Seus traços são marcados por for-mas bem definidas e tecidos emulan-do movimentos de maneira contida; cabelos estriados e organizados em mechas com pontas em caracóis. E todos se manifestaram em escultu-ras que, acredita-se, foram produzi-das em viagens do Mestre de Lagoa Dourada por povoados, fazendas e irmandades das Vertentes, poden-do ter chegado à Fazenda do Ribeirão de Alberto Dias.

Nesse ponto, Padre Leonardo e Renato Bianchetti conectam e com-plementam informações distintas. Segundo eles, a imagem de Nossa Senhora do Rosário local não tem documentos informando sua origem - até porque foi esculpida a partir de um pedido particular do coronel José Lopes, não por uma demanda eclesial. Há quem a associe ao tra-balho do Mestre de Lagoa Dourada, mas um processo de restauração em 2009 levantou outra possibilidade: a de ter sido confeccionada mais tarde, no Século XIX, sob influência da arte italiana.



o padre enfrentou por um ideal. Mesmo depois de prestar longos e humilhantes depoimentos; e sabendo do que estava por vir, Padre José Lopes celebrou aqui sua última missa, em 1789", narra Renato Bianchetti.

O JUBILEU

Por tudo e por tanto, os três séculos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário configuraram bem mais que um aniversário. Celebrado desde 2024, esse marco histórico e devocional ganhou ares de um verdadeiro *Jubileu*. Nas palavras de João Paulo II, trata-se de um "tempo providencial que, por sua própria natureza, convida à alegria e à esperança".

"É exatamente isso o que queremos proporcionar à Comunidade", reflete Padre Leonardo enquanto descreve com leveza e detalhamento a agenda paroquial de quase um ano celebrando os três séculos da Matriz do Rosário. Tudo isso incorporando à Religiosidade local valores como Cultura, Patrimônio, Novos Tempos e Bem Comum.

Daí a realização de Missas e Procissões junto a exposições fotográficas, de objetos e imagens paroquiais; recitais com corais e orquestras; visitações estudantis guiadas; e até uma Feira Cultural Catequética. "Aqui me valho de uma lição do Papa Francisco: se invalidamos ou esquecemos nossa História, perdemos a chance de aprimorar o Futuro. E foi pensando nisso que adotamos, de uma maneira quase infor-

mal, o *slogan* 'Memória e Esperança'", diz o pároco. E emenda com um suspiro: "Nossos dias são rápidos, volúveis, líquidos. E são muitas as pessoas que sentem falta de algo firme em que se apegar e no que confiar. Uma igreja como esta é um polo de onde se emana Espiritualidade e Fé para aqueles que crêem; ao mesmo tempo em que materializa, até para os menos religiosos, um símbolo de solidez, confiança. Esse entrelaçamento é algo importante a ser ensinado e perpetuado para as próximas gerações".

PIONEIRISMOS

Tão amplas quanto as paredes da Igreja de Nossa Senhora do Rosário são as narrativas que ganharam vida justamente naquele cenário.

Padre Leonardo, por exemplo, se viu como pároco pela *primeira vez* ali; sentindo talvez o mesmo peso de responsabilidade que Manoel Marques, *primeiro* capelão local em 1732 - dois anos antes de terem sido celebrados, oficialmente, os primeiros Batismos sob aquele teto. Ambos os batizados eram escravos: um pequenino, de nome Nicolau, foi "alforriado à pia". O segundo, se sobrenome Mina, era adulto e não recebeu o mesmo benefício.

Já o primeiríssimo matrimônio da capela ocorreu em 1930. Atualmente, uma média de 20 casais se comprometem ao "até que a morte os separe" na Matriz.

MAIS 300 ANOS

No Século I depois de Cristo, Paulo de Tarso - mais tarde reconhecido como São Paulo - escreveu cartas que o tornaram proeminente no Novo Testamento da Bíblia. Numa delas, falou sobre um "tesouro em vasos de barro" enquanto refletia sobre a relação entre a santidade divina e a humanidade dos que creem.

O trecho é citado por Padre Leonardo ao comentar o Jubileu da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário. "Somos vulneráveis e falhos. Mas tudo o que amamos se torna precioso ao nosso coração. E é assim que vejo e sinto essa Comunidade. Estar aqui e viver um momento tão singular com essas pessoas vai muito além de receber uma missão: é um presente que prezo com fé, carinho e respeito", analisa.

Renato Bianchetti parece se emocionar ao ouvir essas palavras - mesmo sendo alguém que, com três livros lançados sobre a História de Alfredo Vasconcelos, esteja acostumado com elas. As obras, aliás, fundamentaram o encanto de Padre Leonardo pela trajetória local e nortearam as atividades do Jubileu. "Bonito demais o que o nosso pároco falou - e me fez pensar... Talvez a Memória da Cidade seja o tesouro que vamos colocando no mesmo vaso de barro e carregando juntos até as próximas gerações. Pelo menos mais



300 anos estão por vir", diz.

No mesmo acredita o também padre Jorge Luís de Miranda Vieira - e credita um feito como esse à força da própria Comunidade, onde foi pároco ao longo de 13 anos. "Foi uma bênção de Deus poder estar ali e cumprir minha missão de crescimento espiritual com um povo tão trabalhador, honesto, cordial e cheio de fé", disse em carta enviada à nossa Redação.

POR TODOS OS SÉCULOS

Uma certeza é possível ter em Alfredo Vasconcelos: a História que ainda está por vir será permeada pela devoção à Nossa Senhora do Rosário. E não faltam relatos disso.

Anos antes de rogar pela cura para si, Adriana Mendes (cujo testemunho abriu esta matéria) rezou por outra pessoa: a irmã, Maria Antônia, que aliás tem "Milagres" no sobrenome. "Ela estava grávida e foi orientada a interromper a gestação. Disseram que as chances de o neném sobreviver eram mínimas; e que se isso acontecesse, jamais andaria", contou também com a voz embargada. Segundo depois, porém, o relato foi interrompido: "Ninguém melhor que a própria Maria Antônia pra contar. Vou te passar o telefone dela".

Foi assim que, em outra chamada, uma nova história de intercessão divina acabou compartilhada. "Meu filho vai fazer cinco anos correndo por aí, brincando e sendo a alegria da casa. Aí-

da enfrenta desafios, está à espera de outra cirurgia, mas é uma prova viva da misericórdia de Deus. Disseram que minha gestação tinha só 15% de chances. Eu mesma corria riscos. Mas a última palavra vem do Céu e ela me deu 100% de esperança", conta.

O filho, o pequeno Pedro Lucas, foi diagnosticado ainda no útero com Hérnia Diafragmática. A condição é marcada pela má formação do Diafragma, permitindo que órgãos do Abdômen sejam projetados para a Caixa Torácica. Com isso, o desenvolvimento do Pulmão é prejudicado. "Depois do parto em 6 de Janeiro de 2021 (Dia dos Santos Reis na Igreja Católica) o Pedro ficou quase três meses internado. Rezei todos os minutos, fiz novenas, me agarrei ainda mais a Santa Teresinha, de quem sou devota a vida toda. As preces, porém, não foram só minhas. Entre todas as pessoas que fizeram uma corrente de Fé pelo meu filho estava a minha irmã pedindo socorro à Nossa Senhora lá na Matriz do Rosário", se emociona. "Uma Igreja com 300 anos deve ter milhares de histórias como a minha, do meu filho, da própria Adriana. Ela te contou sobre a cura da ferida dela, não contou?", questiona antes de emendar: "Todo mundo precisa compartilhar a esperança, sabe? Essa também é uma forma de agradecer pelas benções que recebe", reflete.

É de deixar ainda mais bonita a História-tesouro de tanta gente. ▼

RUÍNA E RECOMEÇOS

O atual altar-mor da Matriz do Rosário em nada acusa seu passado de abandono e declínio. Hoje representado por uma abóbada e paredes revestidas de madeira escura, o espaço exala acolhimento, conforto e paz numa simplicidade que não renega a própria beleza.

Em 1895, porém, não era assim. O que se via, segundo registros e relatos históricos elencados por Renato Bianchetti, eram ruínas da então Capela, que chegou a "servir de curral, morada de cabritos, corujas e morcegos. (...) Mas viria a ressurreição. E gloriosa!", narra no livro *Alfredo Vasconcelos: quem te conhece, não esquece!*.

No final dos anos 1920, a futura Matriz do Rosário passou pela primeira restauração, ainda integrando a Fazenda que a originou e que seria demolida cinco décadas mais tarde. Na mesma época, aliás, o espaço religioso passou por novas obras - algo que também se repetiu em 2002, "realçando o que ela possuía de original, retirando elementos que a descharacterizavam e acrescentando detalhes que garantissem harmonia no ambiente".



📍 Campo das Vertentes

Sicoob Credivertentes une *networking* a expertise de mercado em eventos exclusivos

Conectar. No latim, “connectere” - atar, unir, ligar. Já no Cooperativismo, conectar é propósito - e é por isso que o Sicoob Crediverentes faz desse verbo sua maior ação.

Não acredita? Pois bem: em 2024, a primeira Cooperativa de Crédito da região alcançou mais de 90 mil pessoas com seus Programas de Investimento Social. O número equivale à população inteira de São João del-Rei, uma das maiores cidades do Campo das Vertentes. Ou, para quem gosta da comparação com estádios, 90 mil pessoas são suficientes para lotar as arquibancadas do Maracanã, encher o ginásio do Maracanãzinho e sobrar muita gente.

O ritmo de apoios e interações continuou o mesmo em 2025, intensificando a própria agenda institucional do Sicoob Crediverentes já nos primeiros meses do ano. Para começar, aliás, suas *Pré-Assembleias* reuniram mais de 4 mil Cooperados em 25 Comunidades. Para isso, um time de gestores da instituição percorreu mais de 3,2 mil quilômetros entre Março e Abril.

Mal se sabia que aquele era o começo de mais maratonas integrativas. Porque em Maio e Junho a Cooperativa promoveu o *Conexão Agro* e o *Conexão Empresas*, iniciativas itinerantes que atraíram cerca de 350 pessoas.

A ideia é promover “Educação, Formação e Informação” junto a diferentes empreendedores e nichos de mercado.

Tudo isso conectando o que o Sicoob tem de melhor: conhecimento revolucionário, profissionais de excelência e parcerias transformadoras.

CONEXÃO AGRO

Dizem que “o mineiro come pelas beiradas”. Mas essa não é bem uma verdade quando a pauta envolve Agronegócios. Afinal, nesse quesito o Estado garante “fatias generosas” de resultados. Em Leite e Café, por exemplo, Minas é soberana; e não bastasse isso tem se destacado, também, na produção de Grãos.

Hoje, o solo mineiro já responde pela quinta maior produção do país, somando 13,69 milhões de toneladas todos os anos. Disso, aliás, Madre de Deus de Minas entende bem. Segundo dados da Emater, o município entrega 36 mil toneladas de Soja e 108 mil toneladas de Milho por safra, por exemplo. Daí a cidade ser conhecida, no Campo das Vertentes, como “Cidade dos Silos” ou “Celeiro dos Grãos”.

E esse foi o polo escolhido pelo Sicoob Crediverentes para realizar, em 2025, o *Conexão Agro*. O evento aconteceu em 21 de Maio e reuniu mais de 180 homens e mulheres do campo em agenda repleta de palestras, debates e possibilidades de networking – ou melhor, “de-dos de prosa com Negócios”.

AGENDA

O *Conexão Agro* teve “Parcerias de Sucesso” como tema condutor, garantindo uma fartura absoluta de conhecimentos trocados ao longo de todo dia. A jornada começou com a abertura oficial comandada pelo presidente do Conselho de Administração do Sicoob Crediverentes, João Pinto de Oliveira; pela vice Fabiana Diélle Barros de Oliveira; e pelo diretor executivo-financeiro Luiz Henrique Garcia.

Logo depois, as porteiras da informação foram abertas no palco. O consultor comercial Gabriel Nunes, do



Centro Cooperativo Sicoob, falou sobre “Agro e Negócios – em que cenário estamos atuando?”. A apresentação trouxe um panorama robusto do Brasil, do Mundo e de relações comerciais para quem empreende no Campo.

Na sequência, assumiu o microfone Fabrício Nascimento, direto da Gerência de Estratégia de Negócios no Sicoob Central Crediminas. Dali em diante a pauta foi a união de sucesso entre Sicoob e o Produtor Rural, abordando como instituição e empreendedor semeiam desenvolvimento no país inteiro. Além disso, também foram expostas linhas de Crédito orientadas e sustentáveis; além de condições essenciais para a Justiça Financeira do homem e da mulher rural.

O cronograma também contou com Diego Soares, do Sicoob Central Crediminas, destacando fatores de atenção e o cumprimento de requisitos legais no Campo, especialmente após transações de Crédito para impulsionar o Agronegócio.

OUTROS INVESTIMENTOS

Desde 2006, o Sicoob Credivertentes é parceiro do Sistema Faemg na implementação e realização dos programas Gestão com Qualidade em Campo (GQC) e AT&G Balde Cheio na região. De lá até aqui, mais de 340 ruralistas foram assistidos e tiveram suas propriedades reconhecidas como verdadeiras

empresas rurais. O vice-presidente de Finanças do Sistema Faemg, Renato Languardia; e o superintendente do Senar-MG, Celso Furtado Júnior, destacaram esses impactos em falas emocionadas.

Para isso, aliás, compartilharam os holofotes com o casal de pecuaristas Eduardo e Maria Antonieta Resende, de São Tiago. Os dois são Cooperados do Sicoob Credivertentes e participaram do primeiro GQC na região, há 18 anos. “Durante muito tempo a gente pensou no Negócio como ‘algo da roça’. E assim levava. Faltava um pouco de autoestima, de compreensão e até de visão mesmo. Quando participamos do programa e passamos a entender que lidávamos com uma empresa, de verdade, tudo mudou, tudo passou a gerar”, ponderou Maria Antonieta.

Para o gerente de Agronegócios da Cooperativa, Rogério Ladeira, relatos como esse resumem o propósito do Conexão Agro. “Costumo dizer que o GQC não enche a cabeça – mexe com ela. E o evento em Madre de Deus de Minas também proporcionou isso porque passaram pelo palco pessoas com muito mais que conhecimento técnico. Eles levaram conhecimento de campo, de causa. Então houve, além do aprendizado, pertencimento e empatia. Tudo isso conseguindo unir contextos e tendências de mercado ao apoio que o Sicoob Credivertentes e seus parceiros estão prontos para oferecer a todo

momento e em todos os sentidos – do Crédito à capacitação”.

CONEXÃO EMPRESAS

“Pequenas” no porte; gigantes no impacto. Dados do Sebrae destacam que as Micro e Pequenas Empresas (MPEs) já respondem por quase 30% do PIB Nacional enquanto garantem mais de metade dos empregos formais no Brasil. Minas Gerais, aliás, é o segundo maior Estado empregador no ramo, perdendo apenas para São Paulo.

E Resende Costa, a Capital Nacional do Artesanato Têxtil, é um case importante nesse sentido. Na cidade, 70% das famílias garantem renda direta ou indiretamente na confecção e no comércio de peças artesanais. Ao mesmo tempo, o Turismo também se desenvolve trazendo consigo Hotelaria, Gastronomia e tudo o mais que visitantes - interessados em compras ou não - podem usufruir como um combo de vivências durante qualquer viagem.

Daí ser cidade escolhida para sediar o Conexão Empresas, evento também exclusivo do Sicoob Credivertentes.

Desta vez o checklist passou por conversas sobre Produtos e Soluções Empresariais com Cooperativismo; capacitação profissional focada no Mercado; vendas com estratégia e motivação.

Mais de 150 empresários resende-costenses passaram por lá.



CRONOGRAMA

O presidente do Conselho de Administração do Sicoob Crediverentes, João Pinto de Oliveira, abriu os trabalhos. Segundo ele, o Campo das Vertentes “é revolucionário nos livros de História e nos Negócios, sendo celeiro de ideias, aptidões e produtos inigualáveis. Prova disso é ter a Terra do Café com Biscoito e a Capital Nacional do Artesanato Têxtil a poucos quilômetros de distância - ambas cercadas por Comunidades igualmente potentes no Agro, na Cultura e em tudo o mais a que se propor”.

O Cooperativismo, claro, entra nessa lista. Fundado em 1986 em São Tiago, o Sicoob Crediverentes avançou para outras 25 Cidades e Distritos congregando, atualmente, mais de 45 mil Cooperados. Tudo isso além de acumular mais de R\$1,3 Bilhão em Ativos.

O fenômeno não se explica por uma razão isolada. Em quase 39 anos de trajetória, a primeira Cooperativa de Crédito das Vertentes - e uma das pioneiras em Minas - ousou aliar movimentos de transformação Social a portfólio com-

pleto de soluções tanto para Pessoas Físicas quanto para Jurídicas.

O gerente de Produtos Wellington Castro e o Agente de Atendimento Lucas Valentim subiram ao palco justamente para apresentar essas vantagens, abordando desde Seguros à Sipag (maquininha de cartão Cooperativista que só o Sicoob tem).

Ainda na esteira de soluções para “as dores do Empreendedor” e oportunidades de inovação, o consultor do Sebrae Minas Gustavo Magalhães também ganhou os holofotes. Além de abordar cursos e treinamentos voltados ao empresariado mineiro - e disponíveis na região -, Magalhães cuidou de apresentar um mapeamento detalhado do Artesanato resende-costense e das lacunas a serem exploradas por quem o produz, vende e quer crescer.

A noite terminou com a palestra cheia de energia de William Caldas, considerado um dos maiores especialistas em Vendas no país. “As pessoas dizem pra ‘não olhar pro retrovisor, deixar o Passado pra trás’. Mas como fazer isso em Resende Costa? Aqui vocês têm História, vocês têm Tradição e talento

que ficou ainda mais forte e rentável em cada geração. É preciso enaltecer todo esse ‘ontem’ e transformá-lo em inovação ‘hoje’”, disse.

RESULTADOS

O gerente geral na agência resende-costense, Alessandro Caldeira, comemorou o impacto do Conexão Empresas. “Venci uma gripe forte e vim. O evento, na verdade, foi motivação e até remédio porque eu precisava me encontrar com as pessoas da Comunidade, ver esse salão cheio e os sorrisos de satisfação com cada aprendizado”, comentou. “Pensamos com carinho e muito Cooperativismo em cada detalhe. E é fantástico perceber que nossos esforços alcançaram mais de 150 pessoas”, completou a gerente de Relacionamento Pessoa Jurídica, Nara Sousa.

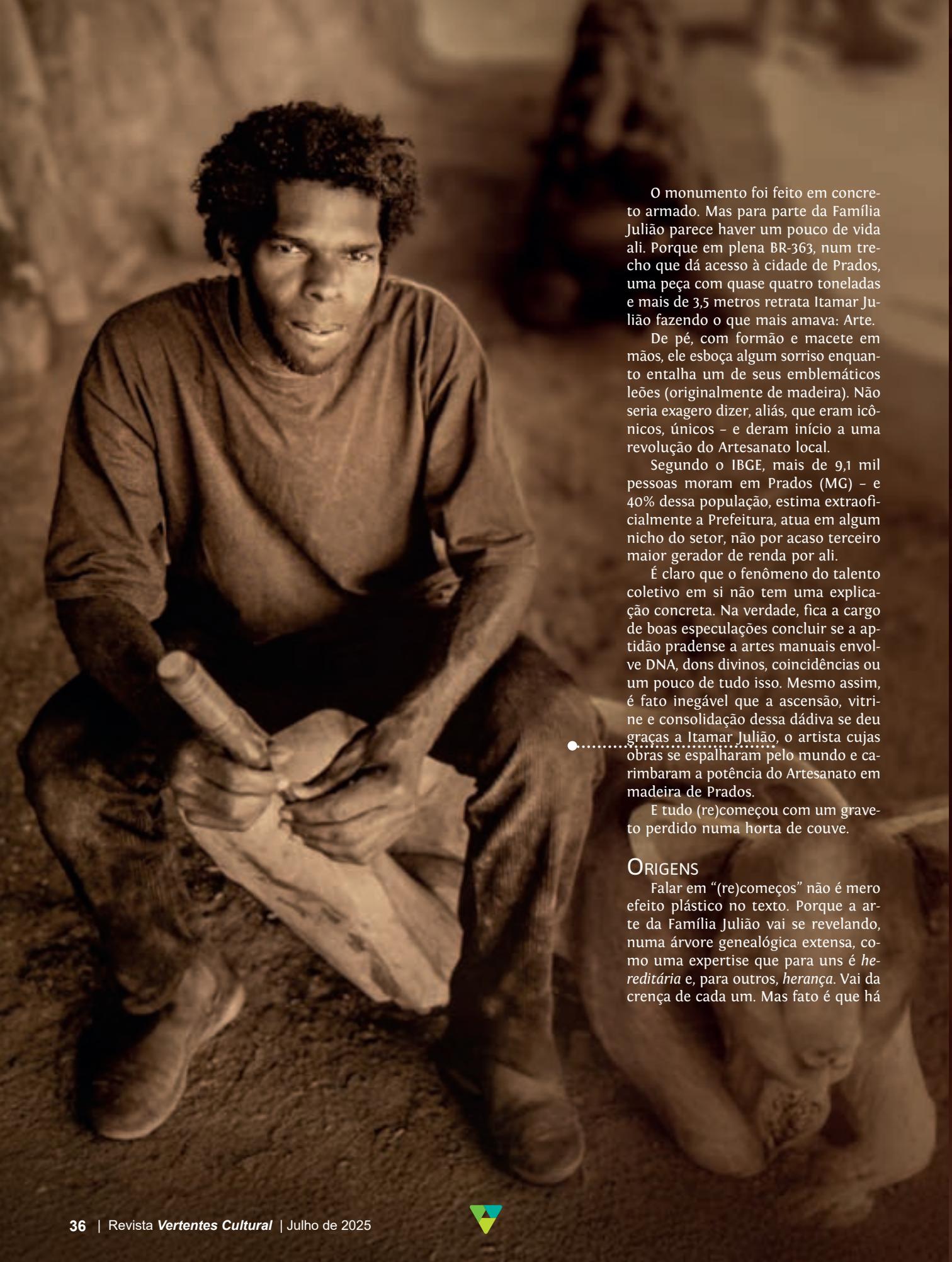
A empresária Luana Oliveira confirmou toda essa impressão: “Sou Cooperada recente e me senti muito valorizada por poder estar aqui. Voltei pra casa e pra minha empresa com um caderninho cheio de ideias - e desta vez vou colocá-las em prática”. ▼

Uma revolução esculpida com Arte

A história, a família e o legado de Itamar Julião

Prados





O monumento foi feito em concreto armado. Mas para parte da Família Julião parece haver um pouco de vida ali. Porque em plena BR-363, num trecho que dá acesso à cidade de Prados, uma peça com quase quatro toneladas e mais de 3,5 metros retrata Itamar Julião fazendo o que mais amava: Arte.

De pé, com formão e macete em mãos, ele esboça algum sorriso enquanto entalha um de seus emblemáticos leões (originalmente de madeira). Não seria exagero dizer, aliás, que eram icônicos, únicos – e deram início a uma revolução do Artesanato local.

Segundo o IBGE, mais de 9,1 mil pessoas moram em Prados (MG) – e 40% dessa população, estima extraoficialmente a Prefeitura, atua em algum nicho do setor, não por acaso terceiro maior gerador de renda por ali.

É claro que o fenômeno do talento coletivo em si não tem uma explicação concreta. Na verdade, fica a cargo de boas especulações concluir se a aptidão pradense a artes manuais envolve DNA, dons divinos, coincidências ou um pouco de tudo isso. Mesmo assim, é fato inegável que a ascensão, vitrine e consolidação dessa dádiva se deu graças a Itamar Julião, o artista cujas obras se espalharam pelo mundo e carimbaram a potência do Artesanato em madeira de Prados.

E tudo (re)começou com um graveto perdido numa horta de couve.

ORIGENS

Falar em “(re)começos” não é mero efeito plástico no texto. Porque a arte da Família Julião vai se revelando, numa árvore genealógica extensa, como uma expertise que para uns é *hereditária* e, para outros, *herança*. Vai da crença de cada um. Mas fato é que há



cinco gerações apareceu no Campo das Vertentes um carreiro (também talentoso na confecção de Carros e Cangas de Boi) com o nome Julião Lisboa. De onde veio, exatamente, ninguém sabe. "Contam que chegou nessas bandas pra fazer uma entrega vindo lá de Ouro Preto. Mas acabou se apaixonando pela minha bisavó e cá ficou", explica Juliana de Fátima da Fonseca, conhecida como Juliana Julião.

Notas são importantes aqui. Do patriarca que desembarcou em Prados surgiu a assinatura da linhagem de artistas, *Julião*. Uma marca de tanto impacto e reconhecimento que quase deixa escapar outro detalhe: o "Lisboa" como sobrenome dele, um homem que pode ter vindo da terra natal de ninguém menos que Aleijadinho. Ou melhor: Antônio Francisco Lisboa, escultor e arquiteto convertido, na História, como gênio e maior expoente do Barroco Mineiro. "Muita gente nos pergunta sobre parentesco e até instiga a possibilidade. Mas nunca fomos a fundo nisso. Quem sabe um dia as informações sejam mais claras e se conectem", acrescenta.

LINHAGEM

Se o passado dos Lisboa pré-Campo das Vertentes tem seus mistérios, o mesmo não pode ser dito sobre a linhagem que ganhou vida na região depois de José de Pádua Lisboa e sua esposa, Francisca Augusta de Jesus. Juntos, numa casinha da Zona Rural de Prados, os dois tiveram 13 filhos – e encontravam na Arte tanto uma fonte de sustento quanto uma atividade lúdica para distrair as crianças.

Lisboa era exímio na confecção de "cabeças para arreio" - peças em madeira que, mais tarde, eram revestidas por couro nas selarias de Prados e usadas nas montarias de cavalos. Francisca, por sua vez, era dona de casa habilidosa, mãe jeitosa e até escultora de boiinhos feito com barro e cera de abelha. Aqueles eram os brinquedos e "calmantes" especialmente dos mais pequenos.

Certa vez, capinando a horta de casa e já em busca de algo interessante justamente pra eles, encontrou um galho de limeira naturalmente formado em cruz. A peça foi entregue a um dos filhos, Itamar, que tratou de ta-

lhar exatamente ali, numa inspiração repentina, a imagem de Jesus crucificado. "Ele era um rapazote simples que lidava com enxada. Acho que ninguém esperava, nem ele mesmo, que aquilo fosse acontecer", lembra a irmã Vicentina de Pádua Lisboa.

O resultado impressionou. Na casa da família, de tempos em tempos, aparecia alguém para conferir a peça com curiosidade e até espanto. Não demorou para que fosse reconhecida como Arte e levada para Juiz de Fora. Itamar Julião não sabia, mas aquele era só o começo. O crucifixo deixou o quintal de casa para uma Cidade quase vizinha; mas outras esculturas dele viajaram de seu pequeno ateliê, em breve, para diferentes partes do mundo.

AUTODIDATA E PROFESSOR

O conceito é bem definido. No Brasil, a chamada "Arte Popular" vem das margens, de expressões que refletem culturas, cenários, regionalidades; de artistas intuitivos com alto nível técnico, estético e criativo sem qualquer formação acadêmica ou erudita.

Assim foi Itamar Julião. Enquanto o "abençoadão" crucifixo revelou ao acaso sua aptidão para esculpir; a visita a um circo que passou por Prados o fez confirmar que as mãos calejadas pela enxada também manuseavam, com maestria, formões, cinzéis e martelos...

Essa parte da história é contada por diferentes pessoas da família com os mesmos detalhes, aliás. O que se diz é que, tão logo o picadeiro foi montado na cidade, Itamar apareceu por lá. E foi ali, durante um dos espetáculos, que colocou os olhos pela primeira vez em um exótico leão.

Em casa, ainda surpreendido pelo que viu, decidiu esculpir uma réplica do bicho em madeira. Foi o primeiro de toda uma tradição - tanto própria quanto pradense.

Os leões se tornaram a marca artística de Itamar Julião e, com o tempo, um marco no Artesanato em Madeira que passou a se fortalecer em Prados junto à ascensão de novos e absolutos talentos.

Dentre eles estavam Antônio, Vicentina e João Julião, uma trindade artística formada justamente por irmãos e aprendizes diretos de Itamar.



ANTÔNIO JULIÃO

O sangue nas veias, o sobrenome artístico e a fonte de aprendizado são os mesmos. Os estilos escultóricos da Família Julião, por outro lado, são diversos e distintos. Tudo para deleite da Arte e seus apreciadores. Afinal, estão frente a uma frondosa árvore genealógica de talentos.

Antônio Julião, um dos irmãos de Itamar, é fruto dela. “Uma de suas nuances mais marcantes é a estrutura vazada. Nas mãos dele, uma tora com 50cm de diâmetro é esculpida em 360° com uma profundidade que revela, dentro dessa própria estrutura, diversas cenas e representações”, explica Lisi Wendel em vídeo do Projeto Arte Brasil - Um Olhar.

Num depoimento à revista *Casa & Jardim*, no entanto, Antônio credita a descoberta desse dom a Itamar, a quem se refere como “patrônio de todos”; e de quem acredita ter herdado, ainda,

o olhar apurado para as belezas e as vulnerabilidades do mundo.

Essa nuance está, de fato, presente e evidente no portfólio de Antônio, que revela na madeira complexos tótens com cenários, personagens e contextos. São, na verdade, histórias entalhadas que podem representar desde um casal conversando na roça, ao pé do fogão de lenha; até uma senzala com três “andares” de crítica social.

SILENCIOSO E BRILHANTE

Em plena Itália renascentista, em 1494, Michelangelo esculpiu seu “Anjo com Candelabro” - uma peça que, mesmo com pouco mais de 50cm, tem grandiosidade artística e histórica. Mais ainda depois de ter sido relacionada a ela uma famosa citação do artista: “Vi um anjo no mármore e o esculpi até libertá-lo”.

Com Itamar Julião o processo criativo parecia ser assim também. E co-

meçava com longos olhares reflexivos ora para o mundo, ora para a superfície de onde “seria libertada”, mais tarde, uma escultura. “Meu pai era um homem observador e calado. Ficava horas quieto, analisando uma tora de madeira e vendo o que ninguém mais via. Aí de repente chamava a gente e contava que tinha uma ideia pra esculpir. Muitas vezes o plano parecia mirabolante, até. Mas uma coisa era certeza: tudo que ele imaginava virava realidade”, conta Daiane Julião, filha mais velha de Itamar. Além dela, o pradense teve dois outros herdeiros, Sarah e Diones, formando um trio de (também) artistas. Daiane e Sarah são pintoras; enquanto Diones, tal qual o pai, é escultor.

“Éramos praticamente crianças quando ele morreu. Eu tinha só 14 anos, por exemplo. Ainda assim ele é presente entre nós, de alguma forma. Meu pai segue vivo no legado que deixou”, explica Daiane.

Talento e Arte
da Família Julião
impulsionaram a
visibilidade de outros
artistas locais, além de
reinventar a Economia
no município



VICENTINA JULIÃO

Vicentina Julião não recorre a uniformes ou grandes equipamentos para serrar toras inteiras de madeira. Ao contrário: a atividade é exercida com serra nas mãos, chinelinho de dedo nos pés e maestria na atividade. Algo aprendido com o pai, José Julião, quando ainda era menina.

A mesma modéstia se vê enquantos esculpe mais um de seus troncos ali mesmo, no quintal de casa; mas contrasta charmosa e curiosamente com o requinte das peças que entrega. Daí Vicentina ser chamada, em alto e bom som, de “importante artista contemporânea” pela crítica especializada.

Nada que a envaideça. Afinal, nasceu e cresceu numa família que tem, como se diz, “os pés nos chão”. E faz questão disso até literalmente. “Quando pequena plantava milho, feijão, batata... A comida saía do chão e ia pra panela. Pra gente a roça era o único destino e ninguém reclamava, não. Era uma vida dura, mas abençoada também”, relembra.

O ofício começou a mudar ainda na juventude, quando Itamar Julião descobriu o dom da escultura e fez questão de ensiná-lo aos irmãos mais novos, primos e vizinhos. Era o começo de uma onda multiplicadora que culminaria, mais tarde, num nicho essencial à Economia de Prados.

Os primeiros ganhos com Arte também foram partilhados por Itamar. “Meu sonho era ter um banheiro, coisa rara na roça. E o primeiro foi ele quem me deu, de presente. Um comodinho simples, mas que significou muito pra mim e acho até que me incentivou a continuar aprendendo, esculpindo”, acrescenta.

Vicentina então aprimorou seus traços e desenvolveu a própria linguagem estética, marcada por Mandalas, Árvores da Vida, troncos e painéis minuciosamente (serrados e) esculpidos à mão. Um marco da Arte Popular Brasileira com algumas impressões digitais (ou de alma) do irmão Itamar: “Lembro dele em todos os meus trabalhos. Todos mesmo. E agradeço por ter nascido aqui, com ele, nessa família”.



JULIANA JULIÃO

“Os gringos batiam na porta, chegavam falando enrolado e eu achava o máximo”, conta Juliana Julião sobre o fascínio de ver (e ouvir) estrangeiros ali, na Zona Rural de Prados, à procura dos leões esculpidos por Itamar. “O engraçado é que aquelas peças ‘de outro mundo’ pra eles eram brinquedos pra gente. Coisa mais comum na nossa infância era montar naqueles gigantes de madeira como se monta num cavalinho. Tem até foto”, diz com diversão e afeto dando o tom da Arte que se mistura com o cotidiano - desde sempre e, ao que parece, para sempre.

“Falo que estou na Arte desde a barriga da minha mãe e quando saí, já dei de cara com as esculturas da família. Na verdade, cresci inclusive no meio das inspirações delas. Porque as ideias pra qualquer peça estão aqui, no nosso entorno, no nosso canto. Você coloca o pé ali fora e corre o risco de encontrar um macaquinho que a gente reproduziu numa obra”, brinca enquanto segura um toco gentilmente riscado com caneta.

Algo que faz parte, inclusive, de seu processo criativo. “Gosto de desenhar a escultura, de visualizar antes do entalhe o que vai vir pela frente. Mas tudo de acordo com o que a madeira permitir ou pedir. Porque ela acolhe o que sinto e imagino enquanto respeito a Natureza dela também”, comenta 22 anos depois da primeira experiência artística que, a exemplo de Itamar Julião, aconteceu (quase) de surpresa.

Juliana queria ser cozinheira, não imaginava ter o dom do tio (ou talvez tenha esquecido que o tivesse, já que ainda muito menina esculpiu um patinho de madeira pra brincar). Aos 20 anos, porém, cedeu ao talento de família. “Sempre soube que a Arte me chamava e às vezes até me puxava mesmo (*risos*). Mas por algum motivo resisti. Talvez eu precisasse do tempo certo pra isso”, acredita.

Agora “fazer Arte” é coisa séria, adulta, elogiada e emblemática. Juliana e a mãe Vicentina, aliás, são as únicas *escultoras* de Prados.



JOÃO JULIÃO

Itamar Julião viu Cristo crucificado num graveto. Já João Julião enxergou... o Ultraman num pedaço de madeira igualmente pequeno. "Eu era uma criança quando comecei a esculpir. Então o que queria mesmo era fazer meus brinquedos, ter o boneco do meu herói favorito", conta João. "Herói favorito" da ficção, aliás. Porque na vida real sua referência é outra: o irmão mais velho, Itamar Julião, de quem diz ter aprendido tudo o que sabe.

E é exatamente por isso que João recusa gentilmente um título muito específico. "Artista pra mim é quem vem na frente, cria alguma coisa. Então essa palavra define só o Itamar. Eu fui aprendiz, estou aqui graças a ele", reforça observando as diferentes peças que quase lotam seu pequeno ateliê - e contrariam o que acabou de dizer.

Ali, um enorme manequim articulado divide espaço com uma imagem de São Miguel, namoradeiras, tratores e... uma onça faminta atacando um crocodilo. Todos em madeira. Todos esculpidos por João Julião e aumentando o acervo daquilo que a família representa como poucos: a mais sublime e autêntica Arte Popular. "Não frequentei a escola. Entrei numa sala de aula, na verdade, quando cresci e fui votar nas eleições", confessa deixando ainda mais enigmática sua expertise em formas, proporções, medidas e até mecânica. Aptidões, aliás, que ele mesmo não tenta explicar. "É perda de tempo fazer perguntas e ir atrás de respostas que só Deus pode dar. Então prefiro agradecer a Ele por estar aqui e por ter me emprestado um dom", sorri.



MÁRCIO JULIÃO

“É uma das coisas mais bonitas que já vi”, disse Itamar Julião sobre uma peça de Márcio, filho do primo Anésio. “Acho que fiquei mais assustado do que feliz na hora (*risos*). Aquele homem elogiando meu trabalho assinava uma escultura na Pinacoteca de São Paulo e tinha construído um legado não só pra família, pro nosso sobrenome, mas pra Prados inteira”, reconhece.

Há outras heranças, porém, nas entrelinhas dessa narrativa. “O Itamar era modesto, não tinha vaidade. Mas sabia impor o que era Arte e dar o valor merecido ao próprio trabalho. Isso eu só entendi e aprendi a fazer quando um acidente me afastou do ofício”, conta Márcio Julião sobre os sete meses com braço quebrado e imobilizado em 2019; mesmo tempo que dedicou, pouco antes, para reproduzir a *Pietà* de Michelangelo em madeira.

A encomenda, confessa, trouxe retorno pessoal e até espiritual - mas não compensou financeiramente. “Ali eu entendi que estava leiloando meu tempo, meu trabalho, a história dos Julião. E isso não era justo pra ninguém”, avalia.

Também pudera. Embora cada Julião imprima conceitos, estilos e traços muito diferentes entre si, um mesmo detalhe atravessa as obras de todos os artistas da família: a unicidade de cada peça. Foi assim com Itamar e Anésio. É assim com Antônio, Vicentina, Juliana, João e Márcio.

O último, porém, quer romper novas camadas de ousadia e acrescentar aos conceitos clássicos de Arte Popular uma postura rebelde, avessa a manuais e até convenções: “Já expus um trabalho com nudez ao lado de uma imagem sacra e não me arrependi. Porque pra mim tudo é divino, tudo é bom e em tudo há espaço pra outros olhares, algumas provocações até”.

Algo que os Julião realizam historicamente, inclusive. Afinal, revelam refinados artistas entre os humildes; e fazem da roça uma inigualável galeria.





LEGADO

O nome dele é Michel Julião - e o sobrenome não é artístico, é registrado oficialmente na Certidão de Nascimento. Filho de Juliana Julião, o menino de 12 anos sonha em ser caminhoneiro e "viajar por aí". Mas tudo indica que ele tende a conciliar uma outra atividade em algum momento. "Já esculpi um leão pequeno e vendi", conta orgulhoso e dando pistas de que pode carregar, num futuro próximo, a robusta herança artística do tio-avô, Itamar.

O secretário de Turismo e Cultura em Prados, Gilcimar Santos, ouve tudo isso de perto enquanto se depara com outra habilidade dos Julião: a de recepcionar visitantes com Café e mesa posta, tipicamente mineira, repleta de quitandas recém-saídas do forno. "Me sinto honrado porque estou diante de um verdadeiro clã artístico que fez a diferença no passado; e ainda molda o presente, a Economia, a vida de uma Cidade inteira. Falo isso inclusive por experiência própria", diz fazendo referência à trajetória da própria família,

GALERIAS

O tótem com mais de 5 metros de altura está na Pinacoteca de São Paulo, um dos mais importantes museus de Artes Visuais no país e o mais antigo do Estado. O entalhe profundo na base, porém, não nega sua verdadeira origem: Prados.

Assinada por Itamar Julião, a peça é um quase portfólio de sua obra, retratando num gigantesco monobloco de madeira uma cena vertical protagonizada por pequenos primatas e felinos ora escalando ora observando o exterior de um tronco que, na impossibilidade de fugir a uma metáfora (ou blasfêmia) urbana parece brincar com a ideia de um domínio selvagem.

Esculturas menores (mas com o mesmo estilo próprio e inconfundível de Itamar Julião) também despontam na Galeria Estação e como relíquias de acervos ou coleções particulares planeta afora.

também ligada à Arte em Madeira pradense. E isso não é incomum por lá.

A estimativa atual é de que 180 estabelecimentos movimentem o setor entre lojas, ateliês e mesmo pequenos espaços domésticos (ainda que informais). Uma potência iniciada por Itamar Julião. "Nada mais justo, então, do que representá-lo num monumento e ser ele o cartão de boas-vindas à nossa terra", avalia Gilcimar sobre missão que foi delegada a Felipe Rodrigues, especialista em esculturas de concreto armado.





Juliana, Dona Vicentina, Daiane e a filha, Marcela: gerações diferentes de mulheres com Arte no DNA, na profissão e na própria história

A obra retratando Itamar Julião e um de seus leões-esfinge foi instalada no ano passado. Mas seu projeto começou a ser formulado bem antes, em 2021. "Visitamos a Cidade, fizemos uma imersão, conhecemos a Família Julião e mergulhamos em todas as fontes possíveis pra captar a essência, a energia e a Arte do Itamar. Além disso, todos os dias o mentalizava, pedia a bênção para aquele trabalho. Assim fluiu um resultado que, confesso, me emociona. Sinto que honramos esse le-

gado", conta.

Dona Vicentina que o diga: "A pose característica do Itamar era aquela ali: pé no toco, corpo encurvado, mãos trabalhando - ou no queixo, enquanto pensava. Até o cabelo ficou igual - e se tinha uma coisa que meu irmão prezava era aquele *black* livre, bonito... Tão importante pra ele quanto a juba pra um leão".

Itamar faleceu repentina e precocemente em 2004. Não sem antes esculpir e lapidar uma revolução. ▼

QUASE SEM QUERER

A Vila Carassa fica a apenas cinco minutos da área urbana de Prados. A pouca distância, porém, não tira do lugar sua aura de um reduto puramente artístico com cheiros, sons e visões esplêndidas das obras de arte feitas em madeira. É dali, inclusive, que saem os já famosos "Leões de Prados", esculturas gigantes que emulam os "Reis da Selva" e já são reconhecidos em todos os cantos do país. Também foi lá que a *Vertentes Cultural* apurou pelo menos três paus tas ao longo dos anos.

Os temas eram diferentes e suas fontes mais distintas ainda. Mas em nenhuma entrevista Itamar Julião esteve ausente. Fosse para contextualizar o surgimento das primeiras oficinas na Vila Carassa; referenciar a tradição de esculpir leões; ou enaltecer seu pioneirismo; o pradense foi menção comum e totalmente voluntária em todas as conversas. E há certa unanimidade nisso.

Em Prados, Itamar Julião é tratado como o "fundador da Arte em Madeira" local. Um legado alcançado de maneira natural, despropósito; do mesmo jeito "quase sem querer" com que revelou, aos 17 anos, a imagem de Cristo num galho de limeira. "Se dissessem pra ele que seria um grande artista, ele iria rir e depois ficar calado, pensando preocupado. Porque na verdade ele nunca teve essa pretensão. O que o Itamar queria era trabalhar com o que amava, sustentar os filhos, realizar alguns sonhos", revela a irmã, Vicentina Julião.

Oportunidades para ir além, inclusive, Itamar teve. "Lembro que o convidaram pra fazer algo no exterior e nossa mãe não 'fez muito empenho' de ele ir. Tinha medo de o rapaz sumir lá fora (*risos*). Mas o próprio Itamar era enraizado, não aceitou as propostas. Se acordasse no meio de prédios e não visse essa Natureza aqui, sofreria. Então o final foi um pouco diferente... Itamar ficou, mas o nome dele foi longe e levou a nossa família junto", analisa a mesma Vicentina com a típica sabedoria de uma Julião.



O Sino Assassino e as tradições vivas de São João del-Rei

Um homem morreu no alto da torre. O sino teria sido condenado à prisão. Na Cidade Onde os Sinos Falam as entrelinhas dessa história também têm muito o que revelar

 São João del-Rei



Se tivesse acontecido no final do Século XIX ou no início do XX, essa história poderia virar livro de Machado de Assis. Talvez a Literatura Brasileira tivesse ganhado, por exemplo, as “Memórias Póstumas de um Sineiro”.

Dizem, no entanto, que o caso é de 1939, período em que Agatha Christie talvez se inspirasse em escrever “Morte na Torre” - quem sabe. Puro exercício de imaginação, claro, porque na verdade o fim trágico de João Pilão ficou restrito ao choque e aos buchichos em São João del-Rei ao longo de 30 anos. “Isso é algo que me causa profundo estranhamento porque a Cidade sempre teve uma Imprensa forte, presente. No suposto ano da morte desse sineiro, aliás, circulavam o *Diário do Comércio* e *O Correio*. Ainda assim, não houve qualquer menção ao acontecido”, conta o historiador, pesquisador, escritor e membro do Instituto Histórico e Geográfico (IHG) local, Antônio Gaio Sobrinho.

João Pilão poderia ser, assim, uma prova de que Chico Buarque estava certo: “a dor da gente não sai no jornal”. Em 1969, no entanto, o são-joanense viu, sim, notícia - no Rio de Janeiro.

No Domingo, 17 de Agosto, uma matéria assinada por Jorge Audi revelou tudo - ou melhor, levou para o papel, em grande circulação, um caso que por três décadas oscilou entre fofoca, fato e mito. Tudo porque um outro sineiro, identificado como João Apolinário, teria se voluntariado como fonte da notícia.

Dali em diante não se falou mais em outra coisa nas torres históricas, nos passeios guiados e nos causos compartilhados em São João del-Rei: por ali já havia ecoado um Sino Assassino.

ELES FALAM

Aos 69 anos, César Teixeira já ouviu infinitas vezes os Sinos do Centro Histórico de São João del-Rei. Para ele, na verdade, os gigantes de bronze são oficialmente vizinhos e velhos conhecidos. Na manhã de 21 de Abril de 2025, porém, eles soavam diferentes. “Lembro de pensar assim: ‘Aconteceu alguma coisa triste. Não sei o quê exatamente, mas aconteceu’”, conta.

De fato, às 7h35 havia falecido o 266º Papa da Igreja Católica, Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco. E a morte dele foi mesmo anunciada nas torres são-joanenses. Ou melhor: na *Cidade (ou Terra) Onde os Sinos Falam*.



O título, aliás, não é à toa.

Desde o Século XVIII, numa herança trazida de Portugal, os sinos são-joanenses fazem mais do que pontuar as horas ou dar o tom das festividades litúrgicas: eles propagam informações.

Ao longo de três séculos, houve toques lembrando a eminência de missas e indicando quem seriam seus celebrantes (cinco pancadas, por exemplo, representavam o Bispo); chamando para procissões; anunciando de nascimentos (difíceis ou não) a agonia e mortes. Já houve, até, um som característico para alardear incêndios.

Não por outro motivo, a *Linguagem dos Sinos* é reconhecida desde 2009 como Patrimônio Imaterial Brasileiro. O título tem como referência nove cidades mineiras, incluindo Tiradentes e São João del-Rei (que pediu oficialmente pelo registro ainda em 2001).

Também pudera, como explica texto do próprio Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan): “Com o sino paralisado são tocadas pancadas, badaladas e repiques; com o sino em movimento se tocam os dobles. A expressão dos sinos em São João del-Rei se constitui em referência para as demais cidades porque seus toques compõem um conjunto complexo não só de badaladas, pancadas, repiques e dobres, todos nomeados e com uma estrutura formal precisa; mas também porque apresentam um alto grau de sofisticação em sua forma de execução”.

Desde 1939, no entanto, outro detalhe ajuda a compor o fascínio (e a curiosidade) em torno desses sons: a história de um Sino Assassino.

SILENCIO DENUNCIANTE

Na Cidade Onde os Sinos Falam o silêncio causa estranheza. Foi exatamente assim, aliás, em 1939, quando Jerônimo matou João Pilão.

Jerônimo, dizem, era um sino de impressionantes quatro toneladas. Pilão, por sua vez, era sineiro na Igreja de São Francisco e se tornou vítima do instrumento durante uma celebração religiosa.

Aqui cabe uma nota. Artigos de Abgar Campos Tirado e Francisco José dos Santos Braga contam que ainda em 1733 foi fundada, em São João del-Rei, a Irmandade dos Passos - e é a partir dela que, anualmente, os católicos locais se engajam na Festa dos Passos, cujo ponto alto acontece no quarto domingo da Quaresma, na Procissão do Encontro.

No cortejo duplo, uma imagem de

Nossa Senhora das Dores deixa a Basílica do Pilar para se encontrar com outra, do Senhor dos Passos, que sai da Igreja de São Francisco de Assis.

O momento, que rememora parte da Paixão de Cristo, é marcado por dobles fervorosos de sinos. Mas nas celebrações de 1939 o que se ouviu foi o oposto: em vez de dobrar com vigor e guiar a procissão repleta de fiéis, o sino Jerônimo desacelerou, perdeu força e, enfim, se calou na Igreja de São Francisco.

Mesmo entre orações e música sacra foi possível ouvir o burburinho de uma Comunidade que sabia como ninguém: apesar de mudo, aquele sino queria dizer algo.

De fato, naquela hora João Pilão teve a cabeça atingida mortalmente por Jerônimo; e seu corpo foi encontrado pouco depois por membros aterrorizados da Igreja.

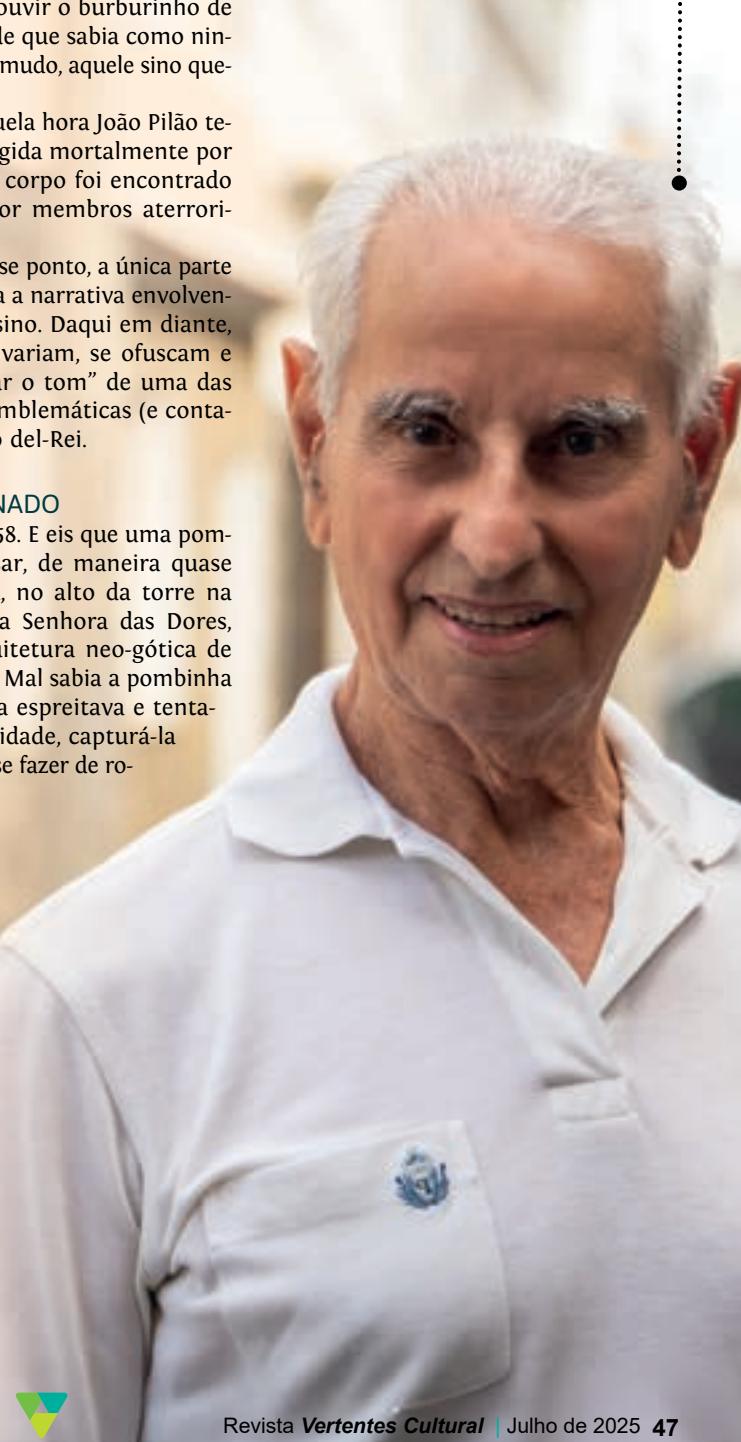
Termina, nesse ponto, a única parte unânime de toda a narrativa envolvendo o Sino Assassino. Daqui em diante, as informações variam, se ofuscam e crescem até “dar o tom” de uma das histórias mais emblemáticas (e contadas) de São João del-Rei.

SINO CONDENADO

O ano era 1958. E eis que uma pomba resolve pousar, de maneira quase cinematográfica, no alto da torre na Capela de Nossa Senhora das Dores, única com arquitetura neo-gótica de São João del-Rei. Mal sabia a pombinha que um gavião a espreitava e tentaria, a toda velocidade, capturá-la ali mesmo. Sem se fazer de ro-

gada, no entanto, a pombinha driblou a ave maior, que acabou encontrando “pela frente a ponta de um pára-raios; e nela enfiou o peito”.

A morte do gavião ganhou, ainda naquele ano, as páginas da extinta revista *O Cruzeiro*, numa crônica assinada por ninguém menos que o emblemático David Nasser. “Ora... Por que a morte de um pombo se transformou em notícia tão rapidamente enquanto a do pobre sineiro ficou restrita à boca do povo por quase 30 anos?”, questiona o professor Antônio Gaio Sobrinho.



Ele mesmo prefere não arriscar uma teoria. Mas entre nossos entrevistados, nas ruas e nos templos de São João, há quem acredite que, naquela época, morrer na torre de um lugar tão sagrado podia ser tabu tanto para a Igreja quanto para a própria e fervorosa população local. Há também, por outro lado, quem defenda que a tragédia de um homem simples não interessasse à imprensa local.

Nasceu, então, um mito. A bem da verdade, acidentes acontecem. E João Pilão não foi o primeiro ou último sâneiro a perder a vida numa torre, exercendo seu ofício.

Os desdobramentos da história, no entanto, é que ganharam contornos “rocambolescos” - como gosta de classificar a Literatura - na matéria de Jorge Audi publicada com três décadas de “atraso” n’*O Jornal*. Para se ter uma ideia do tamanho e do impacto desse impresso, ele fazia parte do império de Assis Chateaubriand e chegou a 60 mil exemplares vendidos num único dia em território carioca.

Fato é que no texto em questão, cujo recorte é guardado como relíquia por muitos sâneiros, conta-se que “a sina do sino Jerônimo” o fez ser julgado e preso por dez anos no Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro. Cumprida a pena, ele teria sido refundido.

A narrativa carioca sobre a tragédia mineira, porém, é refutada aqui e ali, abrindo uma quase “Caixa de Pandora” de versões.

“Meu avô dizia que a notícia do jornal era mentirosa”, rebate o pecuarista Miguel Santos, de 48 anos. “Ele tinha uma cópia dessa matéria guardada em casa e contava que o fim do Jerônimo tinha sido outro. Que na verdade ele foi açoitado e detido na cadeia aqui em São João mesmo. Aí foi derretido e transformado em outros sinos menores sem ninguém tomar conhecimento”, conta.

A aposentada Joana D’arc Gomes, de 75, acrescenta outra informação: “Minha mãe contava que o Jerônimo teve o badalo arrancado. Depois foi acorrentado debaixo de um tecido preto e ficou exposto ali na torre. Todo mundo que passava sabia ser aquele o tal Sino Assassino”.

IGUAL GENTE

Bem abaixo da manchete se lia o seguinte n’*O Jornal*: “Esta é a história de Jerônimo. Jerônimo é pardo, tem 138 anos e pesa 4 toneladas. Em São João del-Rei, Minas Gerais, todos o conhecem”. Para deleite do leitor em qualquer tempo, o texto de Audi traz um jogo de palavras mais que intencional. Afinal, para os mais desavisados, Jerônimo pode até ser confundido, mesmo que por apenas um segundo, com um vilão em carne e osso. Já para o sâneiro a artimanha linguística tem outro sentido, refletindo a crença popular de que ali os sinos “falam” porque têm, de certa forma, “alma”.

Algo evidenciado, por exemplo, num discurso cheio de significados do saudoso Dom Célio de Oliveira Goulart, ainda em 2014. À época, o então bispo da Diocese de São João del-Rei celebrou a chegada de um novo sino à cidade. Com mais de 550kg, o instrumento foi instalado na torre esquerda da Igreja de Nossa Senhora do Carmo; mas antes de ser erguido foi consagrado por Dom Célio e recebeu o nome de João da Cruz. Fez-se, assim, seu “batismo” - no sentido de ter sido bento. “Não se coloca um sino no alto da torre de qualquer modo. Ele é sempre abençoado e queremos que este aqui também seja realmente uma voz de Deus; que ressoe em nossos corações, que nos convoque para os momentos religiosos e para fazermos o bem”, disse à época.

Não era diferente no Século XX. Pois bem: se enquanto bons comunicadores celestes, os sinos eram respeitados e enaltecidos como verdadeiros membros da Comunidade; não é de se espantar que fossem vistos como merecedores de grandes punições ao “destoarem” de seus propósitos. Essa lógica parece ter sido alimentada na São João del-Rei de 1939, quando João Pilão se tornou vítima de Jerônimo - e pareceu confirmada no fim dos anos 1960, quando foi descrito como legitimamente condenado à prisão nas páginas d’*O Jornal*.





Num salto do tempo para 2013, a própria imprensa tratou de desmistificar essa parte da história. Em entrevista ao *Portal G1*, o então delegado regional Marcos Atalla confirmou que uma morte foi registrada na torre do São Francisco, mas negou a possibilidade de Jerônimo ter parado na cadeia. “Só pessoas são alvo de investigação e prisão”, frisou, fazendo coro ao padre Geraldo Magela (hoje monsenhor): “É uma situação improvável. Como condenar um sino? O certo é que, nas leis da Igreja, não existe nenhuma determinação sobre isso porque eles não têm vida própria”.

O SOM DO AFETO

Se a Linguagem do Toque dos Sinos é Patrimônio Imaterial Brasileiro, nada mais justo que dar o mesmo título aos artistas e aos saberes que a traduzem. Sim, o Ofício de Sineiro em Minas Gerais também foi registrado em 2009, pelo Iphan, como Bem Cultural.

E é permitido imaginar com convicção que, em algum lugar nas entrelinhas, aparece o

nome de Nilson José dos Santos. Filho, sobrinho e irmão de sineiros, ele é prova viva de que talentos e tradições (se não transmitidos por DNA) se manifestam pelo exemplo e pelo amor.

Nilson, aliás, é o primeiro a mencionar essa palavra ao contar o que sabe sobre a história de João Pilão. “As pessoas falam no ‘Sino Assassino’, mas me pego pensando na injustiça disso. Primeiro porque não foi culpa do Jerônimo, foi um acidente. Segundo porque a gente parece deixar de lado o João Pilão, a vítima... Quer dizer... Um sineiro querido, um homem amado pela família”, reflete.

Pensamento semelhante lhe ocorreu em meados dos anos 1980, aliás, quando um sino coberto com tecido preto, no alto da Igreja de São Gonçalo, o fez parar na calçada. “Dizem que um rapazinho de 18 anos foi atingido. Foi para o hospital consciente, conversando, mas morreu dias depois. Pelo que contam, estava tocando o sino quando se distraiu com um caixão sendo carregado lá embaixo, pra sepultamento... Um erro bobo”, conta.

Nada disso impediu que Nilson, anos depois, se tornasse também um sineiro justamente na Igreja de São Francisco de Assis, cenário mortal para João Pilão. E que dali em diante dedicasse a vida à profissão: “Lá se vão mais de 30 anos vendendo o campanário como minha casa. Tive muitos motivos pra rir, pra chorar, pra aprender e não esquecer”.

Uma das lições, aliás, envolve respeito e Cooperação. “Essa pele, esse corpo e esses ossos são quase nada perto das duas toneladas de um sino, por exemplo. Ao mesmo tempo, somos nós os capazes de pensar, agir, sentir, tocar esse instrumento. A verdade é que o sineiro existe em prol do sino e vice-versa; porque somente juntos eles mantêm uma tradição, ‘falam’ com o povo. Por isso não vejo os sinos como objetos. São amigos, instrumentos de Deus”.



“TODO MUNDO É IRMÃO”

Conhecimentos didáticos também não faltam a Nilson, que perdeu as contas de quantas vezes contou sobre a sinal de João Pilão e Jerônimo ao receber visitantes na Igreja de São Francisco de Assis. “Tem gente que já chega perguntando sobre essa história. Mas têm aqueles que nunca a ouviram e ficam surpresos. Como faz parte do mito aqui em São João, falo sobre a teoria de que o coitado do Jerônimo foi açoitado, preso e essas coisas. Só que logo depois emendo com a informação correta. Na verdade, acidentes como o que infelizmente nos tirou o João Pilão não envolvem delegacias, decisões jurídicas, prisão. Fica tudo no nível eclesiástico. E ali sim o procedimento envolve retirar o badalo do sino, cobri-lo com um pano preto e determinar por quanto tempo será silenciado, até como respeito à vítima”, frisa.

Mesmo didatismo e clareza tem o técnico em Turismo, pesquisador e confrade do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, Luiz Miranda. O currículo dele, inclusive, também reflete as próprias raízes.

Afinal, teve infância na companhia do pai que viveu a extração do Ouro de Aluvião por ali e cresceu correndo pela Serra do Lenheiro. Além disso, lembra de usar a imaginação para converter pe-

quenas enxadas em sinos gigantes (de onde realmente tirava sons desajeitadamente); e o quintal onde brincava em sagradas torres altas onde uma “relação de irmandade” acontecia: “São Francisco chamava todo mundo de ‘irmão’. O sino colocado numa igreja dedicada a ele também o é. Mais ainda em São João del-Rei. Porque aqui ele chama o povo, convoca o Clero, afugenta rios e tempestades, alegra as festas e chora os defuntos. É um de nós”, frisa emocionando enquanto repete citação (adaptada e poética) que soa como uma assinatura pessoal e já foi parar, inclusive, em arraigado da *Canção Nova*.

MAIS DESMISTIFICAÇÕES

Bom... Voltando à vida de Luiz Miranda, fato é que betas, trilhas e igrejas foram solos recorrentes sob seus pés - todos com muita História pra contar. Daí não espantar que esses e outros espaços emblemáticos sejam, agora, seus “escritórios” numa função sublime: condizir quem quer conhecer a região. É nessa atividade, aliás, que se transforma também num guardião oficial da (rica) Memória local. “São João del-Rei é diversa em todos os sentidos. Na Arquitetura, por exemplo, você vai ter o Brasil Colonial na Casa de Bárbara Heliodora; o Brasil Imperial no Solar da Baronesa e no Museu Tomé Portes. Isso sem falar na transição do Brasil Imperial pro Republicano na ‘Casa do Bispo’”, explica antecipando maestria que se repetiria pouco depois ao falar sobre a “detenção de Jerônimo” e uma coincidência até risível que corroborou com as versões de um “Sino Assassino” no xilindrô.

Na verdade, conta Luiz Miranda, o prédio onde hoje funciona a Prefeitura de São João del-Rei abrigou, até 1925, a Casa de Câmara Municipal (num andar) e a Cadeia da Vila de São João del-Rei (em outro). Acontece que em determinado período um sino realmente foi colocado ali, entre as celas, pra ser simplesmente armazenado. Pronto. A cena até inusitada foi suficiente para alimentar o falatório da época e a propaganda do que receberia, atualmente, o rótulo de *fake news*.

Por outro lado, de uma maneira surpreendente, as distorções em torno do acontecido criaram uma quase pintura surrealista do episódio nos mais importantes “museus”: na mente, nas relações sociais e na oralidade são-joanense.



HERDEIRO E PROTEGIDO

Na mesma 1969 em que a história do Sino Assassino foi publicada n'O Jornal, Neil Armstrong pisou na Lua dizendo que aquele era "um pequeno passo para o homem, um grande passo para a Humanidade". Por uma coincidência até irônica, também naquele ano um ainda adolescente Hélvécio Silva pôs os pés no campanário de uma torre - e pra ele o movimento foi igualmente histórico. Talvez, na verdade, um grande passo para o menino que se tornaria um sineiro emblemático; e outro gigante para uma família tão enlutada quanto em silêncio há 30 anos.

Acontece que, na mesma época em que o nome de João Pilão veio à tona na famigerada matéria sobre sua morte, ressurgiu na casa de Hélvécio um velho trauma. "Quando soube que eu estava me apaixonando pela ideia de ser sineiro, minha mãe já veio cortando meu barato: 'Seu tio-avô morreu na torre. Então lá você está proibido de subir'. Fiquei contrariado, mas entendi que era uma forma de me proteger também...", confessa já fazendo um *mea culpa*. Afinal, compreender os receios de Dona Carmelina não significava, necessariamente, obedecê-la. "Pensei comigo: não quero magoá-la, mas quero tocar sinos. Então, o jeito é fazer isso escondido. Fica bom pra todo mundo", confessa Hélvécio rindo.

É claro que, como todo bom caso envolvendo mentiras adolescentes e mães atentas, a mentira teve pernas curtas em alturas enormes - e outra coincidência.

Um dos ápices na tradição sineira são-joanense é o *Combatê dos Sinos*, uma sequência de duelos barulhentos em que os instrumentos são colocados à prova na Catedral Basílica Nossa Senhora do Pilar e nas Igrejas de São Francisco de Assis e Nossa Senhora do Carmo. Os desafios acontecem na Sexta-Feira, no Sábado e no Domingo da Festa dos Passos.



João Pilão faleceu num desses Domingos. Helvécio foi pego em flagrante, décadas depois, no mesmo momento do calendário. “Alguém me viu jogando metade do corpo pra fora da torre na tentativa de virar o sino de cabeça pra baixo e contou pra minha mãe. Lembro direitinho de uma intuição mandando que eu olhasse pra baixo e do pavor que encontrei no rosto dela lá embaixo. Na minha cabeça de menino pensei: ‘lh, tô morto’”, revela.

O sermão e as ameaças em casa, claro, foram pesados. Ainda assim, Helvécio teimou em contrariar a família para não contrariar o próprio sonho. Conta sem arrependimentos, inclusive, que realizava estripulias arriscadas a quase 30 metros de altura. “Os mais velhos diziam que eu precisava respeitar mais o sino, que estava preocupado com o espetáculo e ignorando a segurança. Numa das vezes em que me machuquei e parei no hospital, ouvi enfermeiras e acho que até freiras reclamando que a ‘molecada’ revirava os coitados dos sinos demais. Não nego que tão forte quanto a nossa vontade de manter a tradição era a adrenalina”, diz ele, que se recorda de três acidentes exercendo o ofício.

Um deles foi quase fatal: “Quando dei por mim, o sino veio pra cima numa velocidade impossível de controlar. Sabia que seria atingido. Mas por algum motivo ele pareceu congelar por um segundo, como se uma mão invisível o tivesse segurado no ar pra eu reagir. Pra mim, foi o João Pilão - e naquela hora acabou o tabu na minha família. Estou vivo”.

JOÃO PILÃO

Para o sobrinho-neto dele, há muitas injustiças na forma como o caso do “Sino Assassino” é contado. De um lado, Helvécio acredita que dar esse nome à história joga uma culpa injusta sobre Jerônimo. Por outro, ele acredita que tanto os boatos da época quanto a matéria d’*O Jornal* criaram imagens falsas de João Pilão.

Algo só percebido pelo próprio Helvécio, na verdade, com o tempo. Isso porque, em casa, Pilão e sua morte trágica eram pautas quase proibidas. “Primeiro não era ‘assunto pra criança’. Depois, quando adolescente segui os mesmos passos dele, parecia que dan-

detalhes sobre o acontecido traria uma maldição pra mim”, acredita.

Eis, no entanto, que nos anos 1990 Helvécio foi convocado como sineiro justamente na Igreja de São Francisco de Assis. E é falando sobre isso que faz adendos importantes: “A versão que espalham na rua da morte do meu tio-avô diz que estava bêbado enquanto tocava o sino. Sei que ele bebia vez ou outra, mas não acredito nisso. Descobri, quando já era homem feito, que no Domingo em que Pilão morreu ele apareceu em casa dizendo estar cansado, querendo deixar a profissão - e isso foi polêmico. O João Pilão era a ‘ovelha negra’ na família. Não era lá muito religioso como os outros, não casou, não quis seguir a tradição de trabalhar nas minas da Cidade... Então acho que naquele dia estava exausto, pensando nas coisas... Acabou se machucando, morrendo e dando corda pra muitos boatos, coitado”.

JUVENTUDE

Três sineiros foram entrevistados para esta matéria. E todos repetiram, em algum momento, a frase: “Quando subi numa torre pela primeira vez, nunca mais desci”. O mais jovem deles é Luiz Fernando de Resende, 29 anos, sineiro na Igreja de Nossa Senhora do Carmo desde os 17. Ali, se sente feliz ao dar voz a sinos como o famoso João da Cruz, de quase 800kg, todos os dias. Garante, porém, que controla os sentimentos em nome da própria segurança. “A história do João Pilão é contada pra gente como se fosse um aviso. Então quando você é muito jovem, ela parece te assombrar - e talvez seja necessário mesmo enquanto estamos amadurecendo”, diz.



E está aí outra faceta da narrativa. Para estudantes e turistas, o “Sino Assassino” é, de maneira curiosa, um causa que precisa ser mencionado por aqueles que já o ouviram por aí; ou um relato marcante para quem o (re)descobre ao visitar São João del-Rei - como a decoradora Paula Gonzaga. Há três anos ela escolhe cidades históricas mineiras como destinos de viagem “em qualquer folguinha”. E acabou ouvindo sobre “um sino chicoteado e condenado à prisão” em Ouro Preto e Congonhas. “Cheguei a achar que fosse tudo lorota, sabe? Mas aí vim pra São João, um guia me mostrou um recorte de jornal. Sei que de fato não houve penalidade pro pobre sino que acertou o pobre homem por acidente. Mas agora tenho certeza de que tanto a parte real quanto o próprio mito nisso tudo pertencem aos são-joanenses”, destaca.

MUSEU DOS SINOS

O mesmo Luiz Fernando que acabamos de mencionar ajuda a cuidar do *Museu dos Sinos*, o primeiro de todo o Brasil dedicado ao tema. Instalado no segundo andar da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, o espaço foi idealizado pelo arquiteto, pesquisador e colecionador André d’Ángelo - ele próprio um importante consultor no dossiê que levou ao registro do Toque dos Sinos de Minas Gerais como Patrimônio Nacional pelo Iphan.

Cerca de 3 mil pessoas passam por ali anualmente tendo contato com informações e relíquias distribuídas em quatro eixos que envolvem desde a História dos Sinos no Mundo Ocidental até a tradição e nuances só encontradas em São João del-Rei.

A Cidade, aliás, tem até repique ir-repetível em qualquer lugar do Planeta. Trata-se do *A Senhora é Morta*, ouvido de hora em hora todo dia 14 de Agosto, na Matriz do Pilar, em honra a Nossa Senhora da Boa Morte. O *Pequeno Glossário da Linguagem dos Sinos* aponta, ainda, que sua composição é associada a um escravo, de nome Francisco, que teria pertencido a Ana Romeira do Sacramento.

“Desde muito pequeno acompanhava a minha mãe nas procissões e de alguma forma sabia quando havia alegria e tristeza nos sinos”, reflete Luiz Fernando.

Isso explica tudo. Na Cidade Onde os Sinos Falam, a História deles e de quem os ouve tem vozes peculiares. Todas expressando que Arte, beleza, fé, amor e dor estão afinadas no mesmo tom. O da resistência. ▼

Escolhemos cooperar por um mundo sustentável.



Reserve já está!
A cooperativa do seu
dinheiro é responsável
pela sua sustentabilidade.

Quem escolhe o Sicoob, escolhe uma instituição financeira comprometida com a comunidade. É assim que mostramos como crescimento e sustentabilidade caminham juntos.



Difusão da cooperação e
da sustentabilidade em todas
as esferas da sociedade.



Incentivo à produção
sustentável de café em
comunidades indígenas.



Investimento em projetos
de energia limpa.



Conheça outras iniciativas do Sicoob em:
sicoob.com.br/sustentabilidade

Mais que uma escolha financeira, a decisão de cuidar do que é valioso para todos.

Central de Atendimento - Capital e regiões metropolitanas: 0000-1111 | Demais localidades: 0800-642-0000 | SAC 24 horas: 0800-734-4422
Centro de Atendimento: 0800-721-0199 - de seg. a sex., das 08 às 20h - www.sicoob.com.br | Consulte as assinaturas em seu SAC. 0800-940-0400 - de seg. a sex., das 08 às 20h.
*Taxa de encargos sobre crédito e serviços ofertados aos associados, conforme o que é estabelecido no contrato de crédito.



Pontos de Atendimento

Alfredo Vasconcelos

Av. Agostinho Bianchetti, 49 - Loja A
Centro - CEP: 36.272-000 - Tel.: (32) 3367-1580
E-Mail: alfredovasc@sicoobcredvertentes.com.br

Alto Rio Doce

Cel. José Gonçalves Moreira Couto, 118
Centro - CEP: 36.260-000 - Tel.: (32) 3345-1492
E-Mail: altordoce@sicoobcredvertentes.com.br

Barbacena

Av. Bias Fortes, 572
Centro - CEP: 36.200-068 - Tel.: 0800 756 3173
E-Mail: barbacena@sicoobcredvertentes.com.br

Belo Horizonte

Rua Espírito Santo, 1.203, Sala 3
Centro - CEP 30.160-033 - Tel.: (32) 9 9810-8747
E-Mail: belohorizonte@sicoobcredvertentes.com.br

Bias Fortes

Praça Dr. Antônio Pires, 29A
Centro - CEP 36.230-000 - Tel.: (32) 9 9863-7932
E-Mail: barbacena@sicoobcredvertentes.com.br

Cipotânea

Rua Capitão José Laureano, 53
Centro - CEP: 36265-000 - Tel.: (32) 9 9800-9504
E-Mail: cipotanea@sicoobcredvertentes.com.br

Conceição da Barra de Minas

Praça Cônego João Batista Trindade, 148
Centro - CEP: 36.360-000 - Tel.: (32) 3375-1170
E-Mail: concbminas@sicoobcredvertentes.com.br

Coronel Xavier Chaves

Rua Padre Reis, 25
Centro - CEP: 36.330-000 - Tel.: (32) 3357-1301
E-Mail: cxchaves@sicoobcredvertentes.com.br

Desterro do Melo (Caixas Eletrônicos)

Rua Padre Ernesto, 149
Centro - CEP 36.230-000 - Tel.: (32) 9 9863-8312
E-Mail: altordoce@sicoobcredvertentes.com.br

Dores de Campos

Av. Governador Valadares, 187
Centro - CEP: 36.213-000 - Tel.: 0800 756 3173
E-Mail: dorescampos@sicoobcredvertentes.com.br

Ibertioga

Avenida Bias Fortes, 198
Centro - CEP: 36.225-000 - Tel.: (32) 9 9950-1801
E-Mail: ibertioga@sicoobcredvertentes.com.br

Itutinga

Praça Santo Antônio de Pádua, 158 - Loja 3
Centro - CEP: 36.390-000 - Tel.: (35) 3825-1144
E-Mail: itutinga@sicoobcredvertentes.com.br

Madre de Deus de Minas

Rua Maestro José Gonçalves de Oliveira, 155
Centro - CEP: 37.305-000 - Tel.: 0800 756 3173
E-Mail: madredminas@sicoobcredvertentes.com.br

Mercês de Água Limpa

Rua Joaquim Vivas da Mata, 174
Centro - CEP: 36.352-000 - Tel.: (32) 9 9957-2193
E-Mail: mercesalimpa@sicoobcredvertentes.com.br

Morro do Ferro

Praça Coronel José Machado, 250
Centro - CEP: 35.541-000 - Tel.: (37) 3332-6007
E-Mail: morroferro@sicoobcredvertentes.com.br

Nazareno

Rua Francisco Ribeiro de Carvalho, 24
Centro o - CEP: 36.370-000 - Tel.: (32) 9 9 9800-2856
E-Mail: nazareno@sicoobcredvertentes.com.br

Piedade do Rio Grande

Avenida Sete de Setembro, 75
Centro - CEP: 36.227-000 - Tel.: (32) 3335-1411
E-Mail: piedadergrande@sicoobcredvertentes.com.br

Prados

Rua Djalma Pinheiro Chagas, 85
Centro - CEP: 36.320-000 - Tel.: 0800 756 3173
E-Mail: prados@sicoobcredvertentes.com.br

Resende Costa

Rua Gonçalves Pinto, 135
Centro - CEP: 36.340-000 - Tel.: 0800 756 3173
E-Mail: resendecosta@sicoobcredvertentes.com.br

Ritápolis

Rua Santa Rita, 111
Centro - CEP: 36.335-000 - Tel.: (32) 3356-1370
E-Mail: ritapolis@sicoobcredvertentes.com.br

Santa Bárbara do Tugúrio

Rua João Batista de Moraes, 48
Sagrado Coração de Jesus - CEP: 36.215-000
Tel.: (32) 9 9848-3503

Santa Rita de Ibitipoca (Caixas Eletrônicos)

Rua Joaquim Rabelo Fonseca, 380
Centro - (32) 9 9861-8999

Santana do Garambêu (Caixas Eletrônicos)

Praça Paiva Duque, 28
Centro - (32) 9 9926-0886

São João del-Rei

Avenida Tancredo Neves, 487
Centro - CEP: 36.300-001 - Tel.: 0800 756 3173
E-Mail: saojdre@sicoobcredvertentes.com.br

São João del-Rei (Caixas Eletrônicos)

Avenida José de Queiroz, 32
Pátio Matosinhos - (32) 9 9861-7925

São Tiago (Agência)

Rua Henrique Pereira, 121
Centro - CEP 36.350-000 - Tel.: 0800 756 3173
E-Mail: saotiago@sicoobcredvertentes.com.br

São Tiago (Sede)

Rua Carlos Pereira, 100
Centro - CEP: 36.350-000 - Tel.: (32) 3376-1386
E-Mail: credvertentes@sicoobcredvertentes.com.br

Senhora dos Remédios

Rua do Rosário, 49
Centro - CEP: 36.275-000 - Tel.: (32) 3343-1312
E-Mail: sremedios@sicoobcredvertentes.com.br

